SÉRIE CONEXÃO CIÊNCIA - C^2

Memória C^2

Comunicação e Artes

MEMÓRIA C^2

COMUNICAÇÃO E ARTES

SÉRIE CONEXÃO CIÊNCIA - C^2

Ana Paula Machado Velho

Débora de Mello Gonçales Sant' Ana

Tiago Franklin Rodrigues Lucena

Organizadores

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Museu Dinâmico Interdisciplinar (MUDI)

2022

ISBN: 978-65-00-62300-0

Copyright© 2022 by Conexão Ciência - C²
Todos os direitos para a língua portuguesa reservados pela editora. Qualquer parte desta publicação poderá ser reproduzida, guardada pelo sistema "retrieval" ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, seja eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação ou outros, desde que autorizado previamente, por escrito, pela editora.

Conexão Ciência - C²
Responsável pela série: Ana Paula Machado Velho

Diagramação/Bolsista
Andrea Tragueta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Memória C² [livro eletrônico] : comunicação e artes / organização Ana Paula Machado Velho, Débora de Mello Gonçales Sant' Ana, Tiago Franklin Rodrigues Lucena. -- 1. ed. -- Maringá, PR : Ed. dos Autores, 2023. -- (Série conexão ciência - C² ; 4)
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-00-62300-0

1. Arte e cultura 2. Comunicação - Pesquisa - Brasil I. Velho, Ana Paula Machado. II. Ana, Débora de Mello Gonçales Sant'. III. Lucena, Tiago Franklin Rodrigues. IV. Série.

23-145077 CDD-306.47

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte e cultura : Sociologia 306.47

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

APOIO

FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA
Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SUPERINTENDÊNCIA GERAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

SUMÁRIO

8 **A incrível jornada do Português: descubra os caminhos do idioma**

Hélcius Batista Pereira

18 **A história não contada dos primeiros paranaenses**

Rafael Donadio

26 **Língua japonesa e portuguesa se cruzam em banco de dados de manuscritos**

Rafael Donadio

36 **As mulheres paranaenses têm muito o que contar**

Maria Eduarda de Souza e Milena Massako Ito

44 **Além de Mulan e Aladdin: uma crítica**

Rafael Donadio

54 **Arte é tudo aquilo que você quer que ela seja**

Rafael Donadio e Tiago Franklin Lucena

62 **Quando o corriqueiro se transforma em obra de arte?**

Rafael Donadio e Tiago Franklin Lucena

68 **Uma língua de muitas histórias**
Hélcius Batista Pereira

76 **A moda na moda: em busca de tecidos ecologicamente corretos**
Ana Paula Machado Velho e Thamiris Saito

86 **Ciência e transversalidade: a grande e sinuosa estrada do conhecimento**
Débora de Mello Gonçales Sant'Ana

96 **Criando histórias nas cidades visíveis**
Ana Paula Machado Velho

108 **Um emoji vale mais do que mil palavras**
Rafael Donadio

114 **Em busca do emoji perdido**
Rafael Donadio e Tiago Franklin Lucena

121 **Arte, artesanato e quitutes: a extensão na prática**
Valéria Quaglio e Andressa Andrade

126 **A corrupção além das eleições**
Isadora Hamamoto, Thamiris Saito, Valéria Quaglio e Beatriz Kruse

A comunicação e as artes na divulgação da ciência

No dia 8 de julho de 2021, uma quinta-feira, o projeto Conexão Ciência - C² entrou no ar para celebrar o Dia Nacional da Ciência e o Dia Nacional do Pesquisador Científico. Assim foi concretizado o sonho de divulgar a ciência desenvolvida na Universidade Estadual de Maringá (UEM), de forma disruptiva e com característica multimídia.

Inspirado no jornalismo literário, a estrutura do material produzido para o Projeto foi lastreada em texto escrito, tornando a narrativa a coluna vertebral das reportagens que, a partir da apuração das informações, se ramifica em infográficos, áudios, vídeos, fotos, entre outros. Baseado em propostas da revista The New Yorker, do site da Universidade Harvard, entre outras referências, o formato do C² estabeleceu uma ação que rompeu um padrão de divulgação, especialmente, no universo científico.

Durante dez meses, uma equipe formada por 17 profissionais, colocou no ar, semanalmente, duas reportagens e uma série de podcasts. Foram 40 atualizações semanais, que abrigam: 126 textos, 71 vídeos, 5 lives, 48 infográficos e 89 artes/ilustrações para as reportagens. Todos originais.

Além disso, foram ao ar 170 episódios de podcast, com conteúdo na área da saúde, artes, história, economia,

agroecologia, entre outros, além de uma cartilha sonora, uma narrativa interpretada, que apresenta uma viagem de dois personagens aos riachos de Maringá, cidade do Paraná.

Desde que entrou no ar até o dia de 30 de abril de 2022, o site registrou um total de 28.150 visualizações de páginas, por cerca de 11.699 usuários. A média mensal de acessos é de 3.127, sendo o mês de março do ano vigente o que registra o maior tráfego, com 8.717 páginas vistas.

O C² também contou com a ação do professor do curso de Música da UEM e então diretor de Cultura da PEC, Rael Toffolo, que produziu as vinhetas sonoras usadas nas aberturas dos vídeos e dos áudios apresentados na plataforma. O repórter cinematográfico da TV-UEM, Ronaldo Vanzo, elaborou a animação da vinheta dos audiovisuais. Também entraram na produção três alunos que atuaram na produção de ilustrações, artes e infográficos para as matérias do projeto. Nos três casos, o material é totalmente original e inédito.

A forma de divulgação da plataforma são posts nas redes sociais, Facebook e Instagram do C². Foram feitas 130 postagens. Em 13 meses, o projeto conseguiu angariar mais de 680 seguidores, somando o Instagram e o Facebook.

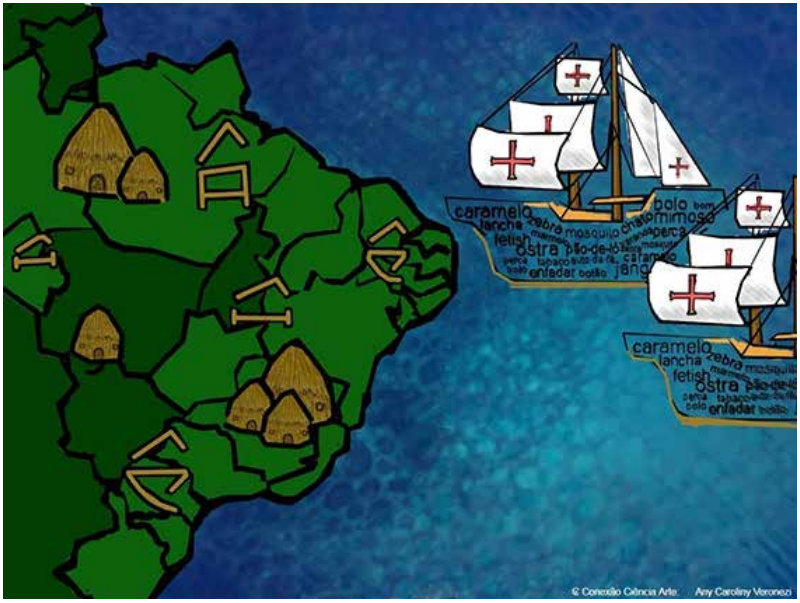
Este ebook traz experiências ligadas às artes e à comunicação. Um apanhado de reflexões que mobilizou profissionais, pesquisadores e estudantes da UEM! Confira a concretização desse sonho!!!

ANA PAULA MACHADO VELHO
Jornalista e divulgadora científica
Coordenadora Executiva do Conexão Ciência - C²

A incrível jornada do Português: descubra os caminhos do idioma

Os lugares e as práticas da Língua Portuguesa

Texto: *Hélcius Batista Pereira*



O mapa do Brasil com símbolos indígenas e duas naus por-tuguesas aportando indicam a época do Brasil Colônia em que as culturas linguísticas de pátrias distintas se uniram e deram origem à língua brasileira.

No dia 5 de maio, comemora-se o dia mundial da Língua Portuguesa. E nós estamos aproveitamos a ocasião para mostrar o que a Ciência sabe e o que não sabe – e anda querendo saber – sobre a língua a Língua Portuguesa. Se você não leu o texto "Uma língua de muitas histórias" publicado anteriormente, aqui no Conexão Ciência, não deixe de fazê-lo. Vai mergulhar na História do surgimento da língua que é também a língua oficial do Brasil, Portugal, Moçambique, Angola, Cabo Verde, dentre outros países.

Países em que o português é a língua oficial (Reprodução/The Fools)

Bem, no texto anterior contamos todo o percurso que resultou na formação do Galego-Português lá por volta do Século XII ou XIII. Depois falamos que processos de variação e de mudança linguística, presentes em qualquer língua humana do planeta, também determinaram que o Galego se separasse do Português. Isso foi também favorecido pela anexação da Galícia ao que hoje conhecemos como Espanha.

Hoje, vamos nos dedicar a contar um pouco sobre o percurso da língua após o início da era dos "descobrimentos", momento no qual o Português sai da Península Ibérica e chega à América, à Africa e à Ásia.

Para determinadas propostas de periodização da língua, por volta do Século XVI, período em que os Portugueses chegam ao Brasil, temos o chamado "Português Clássico". Esse Português, bem mais próximo do Português que conhecemos hoje, tinha diferenças significativas para o

Português Arcaico que marcou o período medieval. Por exemplo, no Clássico os falantes abandonaram formas como “ende” e “hi”, que foram substituídas por “daí” e “aí” que nós usamos até hoje.

Também a conjunção “porém” que era usada no Arcaico como se fosse “por isso”, ganhou um valor adversativo no Clássico. “O quê? ‘Porém’ significava ‘por isso’ na fase arcaica da língua? Mas como é que ganhou esse sentido? Parece que virou o contrário do que era!” Isso mesmo, leitor atento! Foi exatamente o que aconteceu! Essas alterações, às vezes, acontecem na História da língua; um elemento ganha um valor negativo, diferente do que tinha. Isso aconteceu porque quando “porém” tinha o sentido de “por isso” deve ter sido usado muitas vezes em frases negativas pelos falantes. Com o tempo, o valor da negação foi transferido para o item ‘porém’. Aliás, isso aconteceu também com o “mas” que tinha um sentido exclusivamente de adição no passado da nossa língua. “Adição?”. Sim, leitor, “mas” era “mais”!

Retomando a nossa narrativa, foi esse o Português Clássico que foi trazido pelos portugueses nas Caravelas chefiadas por Pedro Álvares Cabral. Ao avistar as terras, talvez o marujo de Cabral tenha gritado “terra à vista!” e quando disse “vista” não fez um “s” chiado como fariam atualmente em Portugal. Espera, porque o leitor incrédulo agora está se perguntando: “Como é que é? Não chiou o “s” como faz hoje um português?”. Não. Nem disse “esta terra é muito verd” sem o “e” final, como diriam hoje em dia lá em Lisboa. É que essas mudanças na fonética do Português de Portugal só foram implementadas lá durante o Século XVII e não atingiram o Português Brasileiro da mesma maneira.

Aqui no Brasil o “s” chiado só é predominante em lugares que receberam grande afluxo de imigrantes portugueses ou açorianos mais recentemente. E, em geral, os brasileiros pronunciam todas as vogais finais. Isso significa que aqui se preservou esses aspectos do Português Clássico que foram depois alterados em Portugal, onde a língua, claro, também é marcada por variação linguística e está sujeita às mudanças. Outras alterações, no entanto, ocorreram por aqui no Brasil, mas antes de falar delas vamos contar um pouco do processo de expansão da Língua Portuguesa em terras brasileiras.

Durante toda sua História por aqui, o Português sempre encontrou o que os estudiosos chamam de contexto de "multilinguísmo". Isso significa que a língua portuguesa sempre esteve em contato com outras línguas, a partir das quais, pode se enriquecer, mas também rivalizar. O processo de imposição do Português como língua das maiorias dos brasileiros foi lento e marcado por muitas violências e silenciamento, do ponto de vista das demais línguas que aqui existiam. Mesmo nós, apaixonados pela Língua Portuguesa, temos que reconhecer esse lado triste da História Linguística de nosso país.

Ao desembarcar aqui com os primeiros colonos, o Português encontrou algo em torno de 300 línguas indígenas, pertencentes a dois grandes troncos linguísticos: o macro-tupi e o macro-gê. O número total de falantes dessas línguas naquela época é desconhecido, mas deveria gerar entre 1 e 6 milhões de falantes. Imaginem só, gente, a língua dos colonizadores europeus estava em ampla desvantagem numérica nos primeiros séculos da colonização!

Na realidade, o empreendimento colonizador adotou uma "língua geral", baseada em língua indígena do tronco macrotupi, para realizar suas ações de colonização. Um dos braços da colonização, os jesuítas, lançaram mão dessa língua geral para evangelizar os indígenas nos aldeamentos. Em suas escolas, eles ensinavam em língua geral e não em Português. É provável que os bandeirantes usassem também essa mesma língua em suas ações pelo "sertão", quando estavam em busca de metais preciosos ou de aprisionamento de indígena. Há quem defenda que esses paulistas, muitos dos quais formavam famílias com mulheres indígenas, usavam essa língua geral no seu dia a dia e que seus filhos não tinham o Português como língua materna. Mas também há estudos que contestam essa versão.

Essa língua geral colonial, que não foi a única a ser usada no Brasil – ainda hoje há a língua geral amazônica que chamamos de Nheengatu – foi proibida de ser usada como instrumento de colonização na metade do Século XVIII, pela edição do Diretório dos Índios. Esse documento determinou que o Português se tornasse a única língua a ser usada nas escolas por aqui. Muitos consideram esse fato como determinante

para que as línguas indígenas começassem a sofrer com a imposição do Português no Brasil. Mas não há consenso sobre o quanto isso de fato colaborou para esse processo.

Nheengatu, língua geral amazônica (Arte/Paola Saliby)

Certo é que, mais do uma imposição pela lei, o instrumento silenciador das línguas indígenas no Brasil foi a violência contra os povos indígenas. Assim, o genocídio desses povos, ocorrido desde o século XVI – e que tristemente ocorre até hoje -, pode ser colocado como o grande fator para explicar a situação delicada que essas línguas vivem no Brasil. Devemos lembrar que essa população foi gradativamente sendo reduzida, seja pelo seu assassinato, seja pela enorme quantidade de doenças que a colonização trouxe para cá. Com a morte desses falantes, matou-se também inúmeras línguas indígenas. O resultado é que hoje restam cerca de 150 línguas (uma redução pela metade do cenário pré-colonização), sendo que boa parte dessas línguas encon-

tram-se em situação de risco de desaparecimento breve.

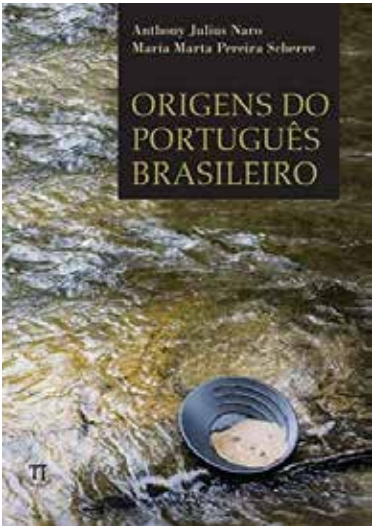
Do contato com essas línguas indígenas, o Português no Brasil muito se enriqueceu. Palavras como “pipoca”, “mandioca”, “caipira”, “tapioca” – e muitas outras -, têm origem no tupi e foram largamente incorporadas a Língua Portuguesa. Aliás, a palavra “jaguar” – que dá nome a uma marca de carro de luxo e a um animal – é também é de origem tupi! “O quê? O tupi forneceu uma palavra para um carro tão chique?”. Sim, era na verdade “iaguara” que significava “onça” e foi incorporada por diversas línguas, não somente pelo Português.

Mas o cenário de multilinguísmo enfrentado pelo Português por aqui não se restringia apenas às línguas indígenas. As línguas africanas também aqui aportaram em função da escravidão, um dos pilares do sistema colonial lusitano. Esse processo trouxe para cá, durante todo o período de colonização, cerca de 18 milhões de africanos, segundo uma das estimativas de historiadores!!! Isso mesmo, gente demais, né! Com eles, vieram línguas de basicamente duas famílias linguísticas: o Cua e o Banto. Os traficantes dessa gente escravizada misturavam nos navios negreiros falantes de diferentes línguas para evitar que eles pudesse se organizar para resistir à situação criminosa na qual foram inseridos. Nas senzalas, essa mistura era mantida pelos fazendeiros pelo mesmo motivo. Essa situação deve ter favorecido a criação de línguas crioulas que permitissem a comunicação entre os escravizados. Alguns dos quilombos que chegaram ao nosso tempo mostram o que sobrou desses falares. Assim, o cenário linguístico colonial foi marcado não somente pela presença de línguas africanas em solo brasileiro, mas também de línguas crioulas criadas da mistura dessas línguas.

É inegável que durante o período colonial a maior parcela da população do Brasil era constituída por africanos e seus descendentes. Então, o leitor deve concluir que o Português Brasileiro deve ter sido fortemente influenciado por tais línguas. No acervo de palavras da Língua Portuguesa, o léxico, é fácil comprovar isso, percebendo os inúmeros vocábulos com origem nas línguas africanas, como “cafuné”, “axé”, “calombo”, “camundongo”, “fubá”, etc.

Mas a questão do contato das línguas africanas com o Português

levou a uma das controversas bem apaixonantes no palco da Ciência linguística brasileira. Trata-se da questão da origem do Português Brasileiro. Uma das hipóteses sustentadas por alguns pesquisadores dá conta de que o Português do Brasil, este que vemos em uso na oralidade, não teria sua origem na língua da Península Ibérica. Teria surgido como uma língua crioula, formada da mescla do Português – que forneceu seu inventário de palavras – com línguas africanas que teria cedido sua gramática. Um estudo da década de 1980 efetuado por Gregory Guy tentou sustentar isso, ao sugerir que a forma como o Português Popular do Brasil faz a concordância nominal (em, por exemplo, "Os menino") segue a regra de línguas africanas que deixam no plural apenas o artigo. Mas pesquisa realizada Fernando Tarallo rebateu esse argumento, mostrando que se assim fosse o Português do Brasil estaria se aproximando do Português de Portugal, língua do dominador, como ocorrere, via de regra, com as línguas crioulas. No entanto, Tarallo argumenta que é a tendência ao distanciamento o que mais chama atenção quando comparamos a língua de Portugal com a nossa.



Origens do Português Brasileiro, livro de Antony Naro e Martha Scherre (Reprodução)

Opondo-se a hipóteses de uma origem crioula do do Português Brasileiro, temos outra linha de pesquisa. Pesquisadores como Antony Naro e Martha Scherre sustentam que o Português Brasileiro é fruto de uma "deriva" do Português da Península Ibérica, ou seja, derivou desse português, sim. Fatos linguísticos como a concordância nominal e verbal variável do Português Brasileiro ("Os menino" e "Nós ama muito") encontrariam sua origem não nas línguas africanas, mas no Português dialetal de Portugal, onde nunca se tornaram frequentes. Aqui no Brasil, a grande quantidade de falantes de diversas línguas favore-

ceu que essas formas linguísticas raras em Portugal pudessem se expandir na boca de nossa população.

Uma outra hipótese, que podemos considerar intermediária, é a sustentada hoje por pesquisadores como Dante Lucchesi. Para o pesquisador, embora o Português Brasileiro não seja fruto de um crioulo, é resultado do que chama de "transmissão irregular" da Língua Portuguesa. Em seu argumento, o Português que se expandiu no Brasil tem origem em um aprendizado da língua por africanos escravizados, que transmitiram o que sabiam para seus descendentes. Seus filhos tiveram um maior contato com a Língua Portuguesa falada pelos colonos europeus, de modo que passaram a falar de modo diferente dos seus pais, sem, no entanto, aplicar as mesmas regras gramaticais usadas pelos portugueses que aqui moravam. Isso teria resultado, então, no nosso Português popular, que seria fortemente influenciada pelas línguas africanas.

Mas a História do contexto de multilinguísmo da Língua Portuguesa no Brasil não para por aí. O Português manteve contatos com outras línguas ao longo de sua história no Brasil desde o século XVI. Uma história de contatos bem intensa ocorreu justamente com o fim do trabalho escravo no final do século XIX. Inspirados por ideias de branqueamento de nossa população, o Estado brasileiro estimulou e patrocinou a vinda de imigrantes europeus e asiáticos. Muitas cidades brasileiras se formaram a partir desses processos imigratórios. E boa parte dos centros urbanos existentes naquela época foi inundada por portugueses, espanhóis, italianos, alemães, poloneses, etc. Por exemplo, ao final do Século XIX a cidade de São Paulo tinha mais estrangeiros que brasileiros. Essas línguas puderam novamente enriquecer o inventário de palavras do Português Brasileiro (acrescentando vocábulos como "pizza", "muçarela", "sashimi", etc), mas muito se discute sobre suas possíveis contribuições para a gramática da língua que usamos.

Como a maior parte dos imigrantes que aqui chegaram nesse período era gente simples, de poucos recursos, tiveram intenso contato com o Português falado pela camada popular brasileira. Seus descendentes, quando aprenderam a nossa língua, ajudaram a expandir usos tipicamente brasileiros, por causa disso.

Por outro lado, é preciso dizer que tais línguas foram aos poucos sendo também sufocadas pelo Português, de modo que os descendentes de tais imigrantes foram, aos poucos, esquecendo as línguas maternas de seus antepassados, passando a adotar integralmente o Português. Um dos aliados desse processo foi a proibição, na época do Estado Novo de Getúlio Vargas, do uso de tais línguas nas ruas das cidades e nas escolas das comunidades de imigrantes, onde passaram a ensinar seus filhos a ler e escrever exclusivamente em Língua Portuguesa.

Mas leis como estas não seriam suficientes para explicar a imposição do Português sobre todas essas línguas que mencionamos. Como essa hegemonia se deu? Oras, a Língua Portuguesa era e é, no Brasil, a língua de poder. Sua imposição se aproveitou de todo o processo de ocupação do espaço territorial brasileiro, ocorrido desde o século XVI, feita como dissemos na base da força. Aproveitou-se também, a partir principalmente do século XIX e XX, da constituição de uma rede urbana vigorosa que ajudou a difundir o uso do Português. No espaço da cidade, diferentemente do campo, as redes de relações e contatos sociais se tornaram muito intensos e se alguém quiser partilhar de algum poder deveria, no Brasil, falar Português.

Por fim, podemos contar algumas diferenças rápidas entre o Português Brasileiro e o Português de Portugal. Como se sabe, do ponto de vista fonético – do sotaque perceptível – as duas variedades são bem distintas. Mas há algumas diferenças gramaticais também. Em Portugal, o uso de "você" é bem restrito e usado para interações formais; é o pronome "tu" que marca informalidade e proximidade dos falantes. Se aqui nós adoramos, na oralidade, colocar sujeitos pronominais em nossas sentenças – note que falamos repetidos pronomes "eu" em frases como "Eu adoro ir ao cinema. Eu, sempre que posso, vou. Eu ontem iria, mas eu tive um problema" -, em Portugal a regra é evitar tais pronomes ("Adoro ir ao. Sempre que posso, vou…). Também usamos o pronome demonstrativo "esse" no lugar de "este", fazendo inclusive combinações estranhas para um português como "esse aqui". E por aí vai.

"Bom, professor, e hoje quem é o país mais importante para a Língua Portuguesa?". Essa pergunta não tem resposta. Cada país tem o seu

Algumas palavras diferentes entre o Português Brasileiro e o Português de Portugal (Reprodução/Aquila Oxford)

papel, não é?! Mas, hoje, o Brasil é, do ponto de vista numérico, o maior país de Língua Portuguesa do mundo. São cerca de 200 milhões de falantes brasileiros contra 10 milhões de portugueses.

Para todos os falantes de Português do mundo, a língua portuguesa é instrumento de trabalho, meio de interação social, refúgio para expressar sonhos e desejos, além de ser, instrumento de resistência e de construção de suas identidades. Só esse fato bastaria para dizer que é fundamental estudar nossa língua com o olhar curioso de um cientista.

Sobre o autor do texto: Hélcius Batista Pereira é Doutor e Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela USP, docente e pesquisador do Departamento de Língua Portuguesa e do Programa de Pós-graduação em Letras da UEM, coordenador do Mastigando Letras (projeto de extensão com objetivo de popularização dos conhecimentos e pesquisas da área de Letras).

O conteúdo desta página foi produzido por
Texto: Hélcius Batista Pereira
Revisão: Ana Paula Machado Velho e Noth Camarão
Arte: Any Caroliny Veronezi
Supervisão de Arte: Tiago Franklin Lucena
Edição Digital: Gutembergue Junior

A história não contada dos primeiros paranaenses

O Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história da UEM resiste como local de pesquisa, ensino e extensão de temas relacionados a populações indígenas presentes na região de Maringá e todo Paraná

Texto: *Rafael Donadio*

A fotografia das pernas de um indígena sofre intervenção do artista que insere na paisagem elementos gráficos da arte indígena em preto e branco.

Há mais de um ano que a Universidade Estadual de Maringá (UEM) não vê a movimentação diária de milhares de alunos, professores e funcionários pelas ruas e blocos do campus principal. As bandejas do RU estão vazias e a clássica lanchonete O Pastel, da rua ao lado, não serve tantos PFs quanto antes. Até mesmo a pesquisa pelo Bloco H35, no Google, indica: "temporariamente fechado". As medidas para conter a disseminação do coronavírus são responsáveis por essa quase hibernação.

Mas ainda existem algumas atividades por ali, sim. Basta descer a rua que dá continuidade ao caminho do Portão 2 para encontrar uma porta aberta no fim do H35, quase chegando no bloco G56. Lá dentro, no acervo do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história (LAEE), percebe-se uma movimentação silenciosa.

Pela aparente idade mais avançada e os cabelos brancos acinzentados, pressupõe-se que o sujeito de camisa cinza com pequenas plantas estampadas seja o professor. Ele logo se apresenta: "Está procurando o Lucio? Sou eu". É Lucio Tadeu Mota, sociólogo, mestre em Ciências Sociais e doutor em História, um dos responsáveis pela criação do LAEE em 1996 e arqueologista dos indígenas de Maringá e região.

No centro dessa primeira sala, tem uma grande mesa. Do lado oposto ao professor, dois jovens estudantes de história: Marcio e Julia. Cercados por diversas estantes, dezenas e dezenas de caixas e milhares de pedras, organizadas e cuidadosamente guardadas pelas estantes que cobrem as paredes do cômodo, os três trabalham em harmonia com o silêncio do campus.

"Pedra" é como um leigo chamaria todo aquele porcelanato, material lítico e outras centenas de milhares de artefatos que chegam a datar de nove mil anos. São utensílios para cozinha, instrumentos de caça e coleta, vasos, jarros e tantos outros materiais retirados de terras paranaenses. Todos possuem muito valor para os estudos realizados no LAEE, um local de pesquisa, ensino e extensão de temas relacionados a populações indígenas presentes na região de Maringá e todo Paraná.

Ponta de flecha, doação

Pilão de pedra, doação

Vasilha cerâmica encontrada no Córrego da Lagoa 2, Lagoa Xambrê, Altônia (PR)

Artefato indígena

Artefato indígena

Artefato indígena

Machado

O número de materiais visíveis em cima da mesa e espalhados pelas caixas já impressionam, mas Lucio se apressa em mostrar onde, de fato, é armazenado o acervo. A sala ao fundo, climatizada e com armários enormes, é o dobro da primeira. Quando perguntado sobre a quantidade de material que há ali dentro, o professor ri. “Agora, de cabeça, é impossível dizer, mas seguramente temos centenas de milhares”, diz o arqueólogo.

De volta a sala de entrada, um jovem de boné que havia chegado há pouco contribui com a conversa. “Só essa caixa que eu trouxe tem cerca de cem peças, e já trabalhei em sítios com 10 mil peças”, acrescenta Felipe Glória. Ele é sócio proprietário da Tukum Serviços Arqueológicos, empresa especializada em consultoria e licenciamento arqueológico de Paranavaí (PR). “Pra você ter uma ideia, só o Sítio de Altônia tem na faixa de 60 mil fragmentos de cerâmica”, completa, do outro lado da mesa, o estudante Marcio.

Aquela caixa mencionada por Felipe, com cerca de cem artefatos, carrega o trabalho de horas e horas de serviço em um sítio com cinco hectares. Esse pode ser considerado o sinônimo de paciência e minúcia, cem artefatos de poucos centímetros retirados de uma área de cinco hectares (o equivalente a 50 mil metros quadrados). No laboratório, a minúcia e a organização continuam, com checagens de números e tipos de peças, número do protocolo do projeto etc.

Baixe uma amostra do inventário do local

Desde 2008, empresas como a de Felipe devem pedir liberação de Endossos Institucionais para o LAEE para realizar qualquer projeto de pesquisa arqueológica que tenha intervenções em campo. É também ao laboratório que a Tukum e outras empresas de consultoria e licenciamento arqueológico devem levar os artefatos encontrados durante qualquer projeto. Isso porque o laboratório foi habilitado como Instituição de Endosso pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pois tem condições estruturais necessárias para receber e manter os achados. No Paraná, existem apenas dois locais como esse: o Museu Paranaense e o LAEE.

Assista – Professor Lucio Tadeu

AS ORIGENS

Ao falar sobre as atividades dentro do laboratório, Lucio revela que agora as pesquisas estão praticamente paradas por falta de verba e que os financiamentos estão diminuindo drasticamente, desde 2014. Atualmente, os compromissos dele e dos funcionários se restringem ao arquivamento e cuidado do acervo, e auxílio aos estudantes indígenas.

Quando chegou em Maringá, na década de 1980, o professor já era sociólogo, mas ainda não tinha mestrado ou doutorado. Naquele período, o interesse pelos povos indígenas surgiu enquanto estudava com

mais profundidade a história do Paraná, para preparar aulas para seus alunos. Ao ouvir relatos e ver indígenas nas ruas da cidade, ele se deu conta que aquela história negligenciava, e ainda negligencia, a existência dos indígenas. As terras paranaenses não eram apenas uma "região que só tinha mato", como costumam dizer.

"Comecei a me questionar sobre isso. Por que a história dos indígenas não era contada? Ensinavam a história do Estado sem a presença dos indígenas, mas eu sabia da existência deles, eles estavam ali na cidade", explica o professor. O mestrado em Ciências Sociais foi o início dos estudos dos povos indígenas paranaenses: Xetá, Kaingangs e Guarani. O laboratório surgiu como resultado desse trabalho e da vontade de contar e preservar a história de uma população totalmente negligenciada, que vem sendo exterminada ano a ano.

Assista – História dos indígenas paranaenses

Dos três povos que habitam o Paraná, um já é considerado tecnicamente extinto, os Xetás. Atualmente, apenas alguns remanescentes dessa etnia são encontrados. Os Kaingang e Guarani que sobreviveram durante o período de colonização moram em cerca de 28 Territórios Indígenas espalhados pelo Estado. A extensão de todas essas terras

corresponde a 0,62% da extensão total do Paraná.

Para Everton Cipriano, professor de história na Terra Indígena Ivaí, localizada na região de Manoel Ribas (PR), o trabalho do laboratório tem muita relevância. “Eles realizam uma ação efetiva do conhecimento indígena para o não indígena. Eles mostram que a nossa permanência é contínua aqui, sempre existiu.”

Everton, ou Ag Tar, como foi batizado na comunidade Kaingang, participa de uma linha de pesquisa diferente da pesquisa arqueológica de Lúcio. Realizada em parceria com pesquisadoras da área de educação da UEM, eles se preocupam com a educação escolar indígena. As professoras doutoras Maria Christine Berdusco Menezes, Rosângela Célia Faustino e Isabel Cristina Rodrigues são os nomes responsáveis por esse trabalho.

Ao proporcionar conhecimento às escolas não indígenas, para que a história desses povos seja contada de maneira adequada, e ao realizar interação e levar conhecimento científico para as escolas indígenas, essas pesquisadoras fazem da educação uma forma de existência e resistência dessa população.

“Os indígenas buscam o processo de alfabetização. Eles sabem que precisam aprender a língua portuguesa para estarem nas negociações, nas relações e interações da sociedade. A língua indígena, eles têm o domínio na forma oral, então eles também buscam a revitalização e apropriação, pois é uma identidade deles. A escola é o caminho para que os indígenas tenham autonomia, ampliem interações e conquistem ainda mais os seus espaços. Acredito que não tenha outro caminho que não seja a educação”, explica a pesquisadora Maria Christine.

A “arma” que os indígenas utilizam para existir e resistir é o assunto do áudio gravado pelas três pesquisadoras. Uma explicação sobre a autonomia e reapropriação da identidade indígena, luta, resistência, oportunidades e a importância e os problemas enfrentados por esses povos no processo educativo.

Cunhã Mandawydju, ou “chuva de pedra”, em Guarani, é estudante de Pedagogia e mora na Terra Indígena Pinhalzinho, em Tomazina (PR). Adriane da Silva, como é conhecida por não indígenas, participa de reuniões e pesquisas do LAEE sobre educação escolar, populações e história indígena.

ÁUDIOS

Ouça – Maria Christine Berdusco Menezes – Luta e resistência

Ouça – Isabel Cristina Rodrigues – História e oportunidades

Ouça – Rosângela Célia Faustino – Autonomia e educação indígena

"É fundamental o trabalho deles. O professor Lucio, por exemplo, já me trouxe algumas partes da minha história, da história do meu povo, que eu mesmo não conhecia. Eles também ajudam a desmistificar a visão que os não indígenas têm dos indígenas. Infelizmente, ainda hoje, as pessoas ocupam nossas terras como se não tivesse nada ali. Eles não entendem que temos ancestrais que foram enterrados nessas terras, que a história do nosso povo está aqui", desabafa Cunhã, que luta por zero vírgula e quase nada por cento de terras paranaenses que resta aos Guaranis.

Apesar desse atual período de dormência, o Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história da UEM continua prestando um serviço valiosíssimo para a sociedade e para a história do Paraná, do Brasil e da região sul-americana. Manter o funcionamento do LAEE é tão importante quanto manter a existência dos indígenas em território brasileiro. Esses trabalhos não podem ser dizimados como já foram muitos dos seus objetos de estudo.

O conteúdo desta página foi produzido por
Texto: Rafael Donadio
Edição de áudio: Lorena Dutra de Moura e Ana Paula Machado
Roteiro de vídeo: Rafael Donadio e Lorena Dutra de Moura
Edição de vídeo: Rafael Donadio e Lorena Dutra de Moura
Supervisão: Ana Paula Machado Velho
Imagens: Rafael Donadio, acervo LAEE e arquivo pessoal
Arte: John Vitor Makallister Zegobia Ferreira

Língua japonesa e portuguesa se cruzam em banco de dados de manuscritos

Criado por aluno do curso de Ciência da Computação e professora do Instituto de Estudos Japoneses, ferramenta pode realizar tarefa de reconhecimento de autores de texto manuscrito

Texto: *Rafael Donadio*

Inspirado em desenhos japoneses a arte representa um selo de cartas escrito "brasil" em kanji. Dois personagens estão num continente com pontes construídas sobre um oceano. No chão e nas mãos dos personagens temos envelopes de cartas, que segundo a pesquisa, são identificadas e interpretadas com técnicas de computação. O terreno onde estão assentados e por onde as pontes se estendem forma gestalticamente uma palma de mão aberta, referenciando a manualidade da escrita.

Em 1939, antes mesmo de Maringá existir, Mitsuzo Taguchi foi o primeiro imigrante japonês a chegar na região. O patriarca da família veio antes com dois filhos, Torao e Yoshinori, para derrubar as matas das terras que haviam comprado. A senhora Taguchi viria depois para fazer a vida longe da terra natal, dos familiares, das pessoas queridas e da cultura japonesa.

Provavelmente, muitas cartas foram escritas, tanto por ela quanto pelo marido e os dois filhos, na tentativa de matar a saudade de amigos e receber algumas palavras de carinho do outro lado do mundo. Ou também para contar que Torao havia se tornado o primeiro vereador imigrante da cidade. Assim como eles, muitos outros vieram para Maringá, que logo se tornou uma das maiores colônias nipônicas do Paraná.

Embarcando em um clichê de Hollywood, imagina onde poderiam estar todas essas cartas, guardadas com muito carinho e sentimento pela senhora Taguchi ou qualquer outro membro das famílias pioneiras nipônicas, mais de 80 anos depois de escritas? No fundo de uma caixa no guarda-roupa, atrás de um armário antigo, dentro de uma pequena caixa de metal, embaixo de alguma madeira do assoalho ou qualquer lugar misterioso e previsível dos filmes.

Agora, imagina alguns descendentes distantes da família Taguchi, por exemplo, que não moram mais em Maringá, encontrando essas correspondências enquanto esvaziam o último imóvel dos antepassados na cidade. O nome da matriarca é reconhecível na carta, mas o que fazer para descobrir o que significam todos aqueles escritos, desenhos, símbolos ou algo semelhante? Afinal, já foi o tempo em que todos sabiam falar japonês, nem que fosse para conversar com a batchan, avó, em japonês. E como ter certeza que algumas daquelas cartas carregam realmente os textos da pioneira?

Nesse clichê hollywoodiano de Maringá, eles iriam para o Instituto de Estudos Japoneses (IEJ), na UEM, que oferece aula de língua e cultura japonesa para acadêmicos e para a população em geral, desde 1984. A professora Kiyomi Kimura Fugie está lá desde 1995. Então, provavelmente, poderia ajudar a traduzir as saudades daqueles escritos. Mas

Kiyomi não é vidente e, portanto, não saberia dizer quem escreveu aqueles sentimentos. Nesse caso, o acadêmico de Ciência da Computação da UEM Luiz Fellipe Machi Pereira, embora também não seja vidente, poderia ajudar.

Professora Kiyomi Kimura Fugie

Acadêmico de Ciência da Computação, Luiz Fellipe Machi Pereira

Com uma bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a orientação do professor Yandre Costa, Luiz Fellipe criou o JKBP, um novo banco de dados composto por 570 imagens de manuscritos, construído com a ajuda de 57 voluntários, que produziram, cada um, 10 manuscritos, cinco em português do Brasil e cinco em japonês. Os resultados do projeto foram publicados em um artigo científico (disponível em http://www.din.uem.br/yandre/CIARP25-JKBP.pdf), apresentado em uma conferência internacional de reconhecimento de padrões. Esse banco de dados auxilia no desenvolvimento de tarefas de reconhecimento baseadas em manuscritos. Ou seja, esses dados possibilitam que, em comparação com algum outro texto, em português ou japonês, o autor de um determinado escrito seja identificado.

Portanto, se os familiares da senhora Taguchi tivessem outro texto

de sua autoria, que pudesse ser comparado, seria possível identificar se algumas daquelas cartas foram escritas por ela. Mas, onde encontrar outro documento em que saibam com certeza que os textos sejam dela? Vale novamente lembrar que a história é de Hollywood do Norte do Paraná… então, existe um caderno de receitas da matriarca Taguchi em algum lugar, dado de presente para outra mulher da árvore genealógica, para que os segredos culinários da família fossem passados de geração em geração.

O fim da história, em que a autoria das cartas seria revelada, neste momento, não tem mais interesse. O importante agora é saber como e por que o Luiz Fellipe criou o JKBP, o primeiro, até onde se tem conhecimento, banco de dados criado com manuscritos em português e japonês. No vídeo abaixo, ele explica um pouco do processo e dos objetivos do projeto.

JKBP

Para fazer a coleta dessas 570 imagens de manuscritos, Luiz, Yandre e Flavio Uber (professor que também colaborou com o projeto) entraram em contato com a professora Kiyomi, no IEJ, e com a escola de língua japonesa da Associação Cultural Esportiva de Maringá (Acema).

As duas instituições cederam espaço e voluntários, e ajudaram na elaboração e correção dos textos utilizados durante a coleta.

O alfabeto japonês escolhido foi o Kana, formado pela junção de dois outros: Hiragana e Katakana, alfabetos base da língua japonesa, com 46 caracteres cada um. O Kana foi escolhido por ser o mais simples, em comparação com outro alfabeto base, o Kanji, com mais de quatro mil caracteres. Foram várias as dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores com o Kana. A maior delas? As diferenças entre os textos dos alfabetos Hiragana e Katakana com os do alfabeto português. Diferentemente daqui, em que se usa letra cursiva, um caractere colado ao outro e em uma única linha reta, no Kana, muitas vezes, não existe nem espaço entre as palavras.

KANJI

Composto por mais de 4 mil caracteres

夢 Dream	風 Wind	火 Fire	水 Water	心 Heart
雨 Rain	雪 Snow	宝 Treasure	金 Gold	花 Flower
猫 Cat	犬 Dog	日 Sun	月 Moon	愛 Love
考 Think	強 Strength	空 Sky	朝 Morning	夜 Night

É um conjunto de símbolos que representam ideias, conceitos e podem ter mais de um significado

Murilo Mokwa

KATAKANA

Também contém 46 caracteres

ア a	イ i	ウ u	エ e	オ o
カ ka	キ ki	ク ku	ケ ke	コ ko
サ sa	シ shi	ス su	セ se	ソ so
タ ta	チ chi	ツ tsu	テ te	ト to
ナ na	ニ ni	ヌ nu	ネ ne	ノ no
ハ ha	ヒ hi	フ fu	ヘ he	ホ ho
マ ma	ミ mi	ム mu	メ me	モ mo
ヤ ya		ユ yu		ヨ yo
ラ ra	リ ri	ル ru	レ re	ロ ro
ワ wa				ヲ (w)o
ン n				

Utilizado para escrever nome de países, palavras de origens estrangeiras ou ocidentais e também nomes de produtos e onomatopeias

Murilo Mokwa

Existe também uma diferença entre o Hiragana e o Katakana: um é escrito com a forma mais quadrada, enquanto o outro, mais redonda, diferente do português, em que, em tese, as pessoas tentam fazer sempre uma letra mais arredondada.

"Essa descontinuidade dos caracteres e essa falta de espaços marcados entre eles foi uma questão muito difícil de relacionar com o português, justamente porque no português a gente faz tudo junto e só dá espaço entre uma palavra e outra. A gente tem uma diferenciação entre maiúsculo e minúsculo, tem sinais de pontuação, que são feitos de formas diferentes no Kana", explica o acadêmico, que estudou um pouco da língua estrangeira por conta própria para poder, sozinho, entender melhor o assunto.

Para a coleta dos manuscritos, os voluntários foram divididos em quatro faixas etárias: de 0 a 14 anos, de 15 a 24, de 25 a 54 e aqueles com mais de 55. Todos os 57 voluntários escreveram cinco textos na língua portuguesa e cinco na língua japonesa. No projeto, para capturar e reconhecer imagens, foi utilizado o detector e descritor Speed Up Robust Features (Surf). Um Support Vector Machine (SVM) foi utilizado para analisar, reconhecer padrões e classificar os manuscritos. As taxas alcançadas foram de 97,98% e 83,77% na identificação do autor, utilizando manuscritos em português e japonês, respectivamente.

Portanto, são grandes as chances de se reconhecer a autoria da senhora Taguchi naquelas cartas até então desconhecidas. Agora, imagine esse banco de dados sendo usado em investigações forenses. É possível identificar criminosos por meio do reconhecimento de manuscritos dos suspeitos, algum membro da Yakuza (máfia criminosa japonesa), quem sabe? Poderíamos certificar se documentos encontrados na Câmara Municipal de Maringá foram escritos por Torao, filho da senhora Taguchi e primeiro vereador imigrante de Maringá. É possível, inclusive, descobrir se o texto escrito na língua japonesa naquele LP dos Beatles, importado do Japão, que você comprou em um sebo, é realmente da pessoa que você imagina: a Yoko Ono! Além dessas, o JKBP pode ser usado de diversas formas.

Código: G1-G12 Idade: [illegible] Sexo: [x] Masculino [ ] Feminino

Para transcrever os textos a seguir utilize caneta esferográfica azul ou preta. Escreve abaixo da linha posterior ao texto, respeitando a ordem das linhas e os sinais de pontuação.

Iroha, Kukai

いろはにほへと
ちりぬるを
わかよたれそ
つねならむ
うゐのおくやま
けふこえて
あさきゆめみし
えひもせす

いろはにほへと
ちりぬるを
わかよたれそ
つねならむ
うゐのおくやま
けふこえて
あさきゆめみし
えひもせす

Texto proprietário

オ フェスチヴァール ニッポ-ブラジレイロ エ ウン ドス マイオレス エヴェントス ダ クルツラ ジャポネザ ノ ブラジル. オコヘ アヌアルメンテ ノ エスタド ド パラナ, エン マリンガ, エ オフェレッセ ジヴェルサス アトラソエス アルチスチカス, エスポジソエス クルツライス, クリナリア チピカ エ デヴェルソス コメルシオス. オ エヴェント テン プレスチジオ ナシオナル, テンド ガンニャド デヴェルソス プレミオス エ センド レコンニェシド コモ ウン ドス マイオレス ド セギメント ノ パイス.

オ フェスチヴァール ニッポ-ブラジレイロ エウ ン ドス マイオレス エヴェントス ダ クルツラ ジャポネザ ノ ブラジル. オコヘ アヌアルメンテ ノ エスタド ド パラナ, エン マリンガ, エ オフェレッセ ジヴェルサス アトラソエス アルチスチカス, エスポジソエス クルツライス, クリナリア チピカ エ デヴェルソス コメルシオス. オ エヴェント テン プレスチジオ ナシオナル, テンド ガンニャド デヴェルソス プレミオス エ センド レコンニェシド コモ ウン ドス マイオレス ド セギメント ノ パイス.

O Pequeno Príncipe, Antoine de Saint-Exupèry

Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim o único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...

Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim o único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...

IEJ – A Língua Japonesa dentro da UEM

Dentro da UEM, o Instituto de Estudos Japoneses também atua na Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati). Para os alunos da Unati, Kiyomi dá aula de origami (dobraduras em papel) há mais de oito anos, momento em que também aproveita para ensinar sobre algumas curiosidades da cultura japonesa, como a história do pássaro Tsuru, um dos animais reproduzidos nas dobraduras.

Enquanto cursava Matemática, área na qual acabou se formando, Kiyomi Kimura Fugie precisou ajudar a mãe a dar aula de japonês na Associação Cultural Esportiva de Cianorte (ACEC). A mãe de Kiyomi veio do Japão para o Brasil com apenas 20 anos e não aprendeu a falar o português, por isso, teve dificuldades quando a geração dos descendentes de japoneses nascidos no Brasil passou a frequentar as suas aulas.

"Quando minha mãe começou a dar aula, não tinha problema, porque, naquela época, todos os alunos falavam japonês. Ela precisava só ensinar a escrita e a leitura. Com o passar do tempo, outras gerações começaram a fazer aula e ela começou a precisar explicar gramática, traços de escrita etc. Ela tinha mais dificuldades, porque ela não falava português e os alunos não entendiam o japonês que ela falava", explica Kiyomi, que começou a vida como professora de japonês durante esse período em que ajudou a mãe.

Desde 1995 atuando no IEJ da UEM, Kiyomi fez especialização em educação especial e um intercâmbio de nove meses na cidade de Urawa, em Saitama, Japão, com bolsa de estudo da Fundação Japão, onde estudou a língua japonesa e metodologia de ensino.

Tímida, ela tenta minimizar a importância dela e do IEJ no trabalho desenvolvido com o JKBP. Fellipe e Yandre citam todos os auxílios que receberam de Kiyomi. "O IEJ foi fundamental no apoio que eles deram para que a gente conseguisse fazer essa aplicação no contexto específico. Por meio dela, percebemos a importância de identificar parcerias dentro da universidade", acrescenta Yandre.

O projeto, que foi inspirado no doutorado do professor Diego Bertolini (Professor da UTFPR de Campo Mourão que também

participou do projeto), já estava tendo continuidade com um aluno paraguaio, que havia coletado alguns manuscritos em espanhol e guarani. Mas a pandemia não só impossibilitou a volta do acadêmico para Maringá, mas também gerou dificuldades socioeconômicas que o fizeram largar o projeto.

Apesar disso, o fato de uma pesquisa poder ser usada no "mundo real" anima o professor: "Sempre é bom a gente poder verificar que as coisas que a gente desenvolve dentro do laboratório podem ter implicações fora daqui."

Que mais pesquisas sejam conhecidas no "mundo real". Afinal, a conexão da ciência com o dia a dia dos brasileiros nunca foi tão importante quanto agora.

O conteúdo desta página foi produzido por
Texto: Rafael Donadio
Edição de áudio: Valéria Quaglio da Silva
Roteiro de vídeo: Karoline Yasmin
Edição de vídeo: Karoline Yasmin
Supervisão: Ana Paula Machado Velho
Imagens: Arquivo Pessoal
Arte: Murilo Mokwa

As mulheres paranaenses têm muito o que contar

Por que as autoras do Paraná não veem seus textos circularem em âmbito nacional?

Texto: *Maria Eduarda de Souza e Milena Massako Ito*

Uma escritora mulher posa com sua caneta para a câmera numa imagem que parece ter sido criada com caneta. O ato da escrita é reforçado pelo caderno ou livro de anotações e esboços de texto. Ao fundo a sua sombra projeta um rosto feminino.

Marilia escreve desde que era adolescente. Transcrevia seus pensamentos, tudo o que via, percebia e sentia para o papel. A necessidade de verbalizar suas vivências em poemas tomava conta da jovem escritora. Mas, na verdade, é um erro colocar esses verbos no tempo passado, já que, nos dias de hoje, ela continua escrevendo sobre o que vive e presencia, fazendo com que a paixão pela escrita se transforme em seu trabalho.

A pessoa sobre a qual falamos é a poeta paranaense Marilia Kubota. Ela nasceu em 1964, na cidade portuária de Paranaguá e reside atualmente em Curitiba. Só que, antes de se dedicar, prioritariamente, à literatura, cursou Comunicação Social, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), e se tornou jornalista. Depois, obteve o título de mestre em Estudos Literários, pela mesma universidade.

Marilia Kubota (Reprodução/ Site “como eu escrevo”)

Esse foi só um breve panorama biográfico de Marilia. Entretanto, o que mais convém aqui é tratar de sua trajetória na literatura. Então, vamos em frente... A autora só começou a publicar seus escritos em livros no ano de 2008 e, desde então, passou a se entregar, de fato, à literatura. Ela já havia os publicado em algumas revistas e jornais locais, mas ainda não tinha a coragem de reunir os poemas escritos, há um bom tempo, em livro. O primeiro foi “Selva de sentidos” (2008).

No início, Marilia praticava a metapoética, ou seja, fazia poemas sobre o

próprio ato de escrever poemas. E sua formação como jornalista a influenciou a trazer aspectos sociais para dentro do conteúdo de suas obras. Mas, com o avanço de suas publicações, Marilia se aproximou de temáticas que envolvem questões de identidade, relacionadas à mulher e à sua descendência asiática.

O Paraná é um dos estados do Brasil com maior concentração de nipo-brasileiros. No entanto, mesmo que essas pessoas sejam nascidas no país, muitas vezes, são vistas com outros olhos. Só pelo fato de terem descendência japonesa, há quem pressuponha (de modo estereotipado) que, por exemplo, elas saibam falar em japonês, usam as vestimentas tradicionais do Japão, sejam melhores em Matemática, ou, no caso da Marilia, escrevam haikais (poemas curtos de origem japonesa).

Apesar de também já ter escrito alguns haikais, Marilia salienta que sua origem nipo-brasileira não implica, necessariamente, em escolhas relacionadas à cultura japonesa no modo de fazer seus textos. A sua liberdade poética é que dá o tom dos temas, recursos estéticos e opções ideológicas. Marilia escreve e quer escrever sobre tudo. Seu livro de crônicas "Eu também sou brasileira" (2020) é exemplo disso: ela afirma aí a sua nacionalidade brasileira e ressalta aspectos identitários que apontam para seu desejo de pertencimento ao país em que nasceu.

Livro "Eu também sou brasileira" (Reprodução/"InComunidade")

Enfim, Marilia já publicou diversas obras e, talvez, a coragem que ela precisava para começar a expor seu trabalho e assumir seu lugar de escritora no campo literário brasileiro veio do desejo de se expressar livremente, de dar visibilidade à sua visão de mundo, de marcar seu lugar de fala. "É importante que seja dado encorajamento para que mais mulheres escrevam e revelem suas perspectivas, suas visões como protagonistas de si mesmas, sem amarras, tendo em vista a pormenorização dada a elas nessa sociedade de base patriarcal." manifesta a poeta.

São histórias como essa que nos levam diretamente para o trabalho que a professora da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Lúcia Osana Zolin, faz como coordenadora do projeto "Centro de Documentação Virtual de Literatura de Autoria Feminina Paranaense e Pesquisas Relacionadas".

O caminho para chegar até o Centro de Documentação começou em 2007, quando Lúcia propôs ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

Professora Lúcia Zolin (Reprodução/O Consoante)

Tecnológico (CNPq), um primeiro projeto intitulado "A literatura de autoria feminina no Paraná". Esse foi aprovado e o grupo de pesquisa da professora, chamado Literatura de Autoria Feminina Brasileira (Lafeb), catalogou cerca de duas centenas de escritoras e mais de 600 obras publicadas por elas. Já no início, muitos alunos da UEM vêm integrando o projeto, desde os da iniciação científica até os de mestrado e doutorado, assim como egressos da pós-graduação. Já integraram, também, colegas da professora de outras instituições estaduais do Paraná como UEL, UEPG e Unicentro.

Em 2010, a professora deu continuidade à exploração da arte literária paranaense de mulheres propondo um novo projeto nomeado "A Personagem na Literatura de Autoria Feminina Paranaense Contemporânea". Dessa vez, o empenho estava em conhecer o perfil das personagens representadas em algumas obras publicadas, a partir dos anos 1970, por editoras comerciais ou por meio de órgãos públicos, como a Secretaria de Estado da Cultura (SEEC), de modo a resgatá-las da invisibilidade, mapeando, contabilizando e, consequentemente, abrindo novas frentes de pesquisa.

O projeto queria responder questões como: quem são as escritoras paranaenses? Quais personagens representam? Quais as constantes implícitas à construção? Em que termos representam o contexto de onde emergem? As escolhas feitas para a composição de seus perfis são inclusivas? E a personagem feminina? Que lugar ocupa nessas páginas literárias?

Com o lema "conhecer para divulgar", dois anos mais tarde, agora com posse de um vasto material, era necessário tornar público tudo o que o grupo tinha pesquisado e mapeado. "Propomos à Fundação Araucária o projeto 'Centro de Documentação Virtual de Literatura de Autoria Feminina Paranaense e pesquisas relacionadas', que visava possibilitar a disponibilização desse material na web", explica Lúcia Zolin.

Quando o assunto são as Letras no Paraná, logo são lembrados nomes como Emiliano Perneta, Paulo Leminski, Valêncio Xavier, Dalton Trevisan, entre muitos outros. Notou algo em comum entre eles? Sim, todos os citados são homens. Nos resta saber por que autoras como Júlia da Costa, Helena Kolody, Adélia Woellner, Bebeti do Amaral Gurgel, Luci Collin e tantas outras, apesar de contarem com publicações, prêmios, homenagens e muita relevância, não são lembradas como as autoras? Ou mesmo não veem seus textos circularem em âmbito nacional?

A própria estrutura do campo literário brasileiro pode ajudar a responder a essas perguntas. Ela foi constituída no decorrer das primeiras décadas do século passado e está arranjada, não apenas em competências de classificação e legitimação literárias e artísticas, mas por meio da imprensa, do mercado editorial, das revistas culturais, das academias literárias, mas, de modo particular, na dependência em relação ao Estado. Quer dizer, até por volta de 1930, os autores estavam concentrados no sudeste do Brasil, assim como nós podemos notar hoje com a centralização das produções no eixo Rio de Janeiro x São Paulo. Além dessa questão geográfica, a teia de relações estabelecidas entre os grandes escritores da época como Oswald de Andrade e Mário de Andrade, líderes do movimento modernista, e do outro lado, Monteiro Lobato e seus aliados, se mostrava muito influente para introduzir um autor ou uma obra em uma posição de importância no campo literário brasileiro.

"Certamente, a literatura de autoria feminina não consistia no objeto

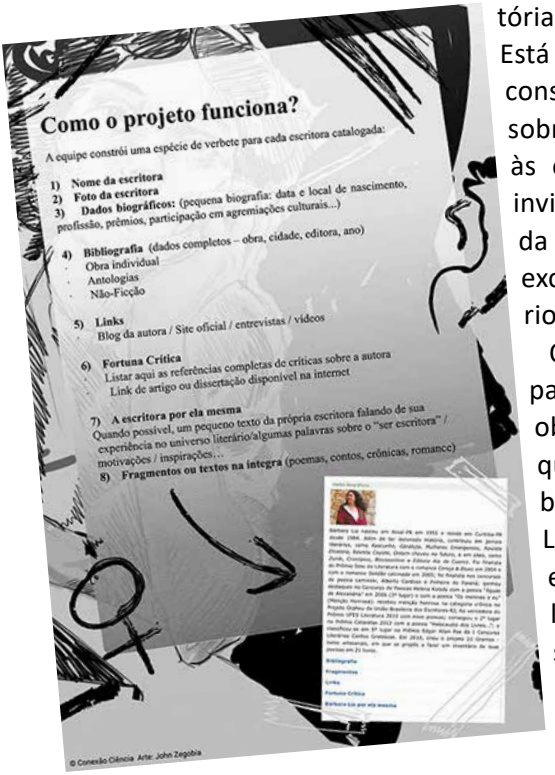
primordial desses embates. Até porque é, no Brasil, uma realidade relativamente recente e tardia em relação a certos países estrangeiros: só a partir de meados do século XIX é que podemos falar no tímido início de uma tradição literária de mulheres por aqui, que só vai deslanchar a partir dos anos 1960, na esteira das publicações de Clarice Lispector. Também o feminismo, movimento político e ideológico tomado como o seu grande impulsionador, chega tardiamente ao Brasil, em função dos entraves da ditadura militar. Sendo assim, desde os seus primórdios, essa produção não foi positivamente sancionada pelas referidas instâncias de legitimação literária", explica a professora Lúcia.

De modo especial, o Paraná, sendo um estado com características tradicionais e considerado marginal em relação aos grandes centros culturais do país, acaba por ter potencializadas as dificuldades da consolidação da tradição literária de escritoras locais.

Descubra fatos incríveis sobre as mulheres na literatura

Instigada pela pergunta acerca de quem são as escritoras paranaenses, a equipe do projeto de pesquisa "A literatura de Autoria Feminina no Paraná" vem mapeando essa produção. O resultado inicial é o Centro de Documentação de Literatura de Autoria Feminina Paranaense, que existe, hoje, na UEM .

O Centro é um espaço de divulgação da produção literária de escritoras paranaenses, bem como fonte e estímulo de pesquisas acerca dessa produção literária, em certa medida, ausente do cenário da his-



tória da literatura brasileira. Está sempre em processo de construção. "A nós importa, sobretudo, dar visibilidade às escritoras paranaenses, invisibilizadas na História da Literatura Brasileira e excluídas do campo literário nacional", afirma Zolin.

O site foi construído a partir das informações obtidas por meio de pesquisa de campo (livrarias, bibliotecas, academias de Letras, centros culturais etc). No total, estão catalogadas e publicadas no site 196 escritoras nascidas e/ou radicadas no Paraná; 662 obras literárias (romances, coletâneas de poemas, contos e crônicas); além de 216 antologias em que estão publicadas poesias, contos e crônicas de autoras paranaenses. Há, ainda, diversos trabalhos acadêmicos sobre esse grupo de escritoras. A poeta Bárbara Lia, uma das autoras catalogadas no Centro de Documentação, fala no áudio abaixo suas primeiras impressões ao acessar o site, a importância do projeto e a honra de participar dele:

"Em termos mais objetivos, considero o projeto relevante para o desenvolvimento da área de Estudos Literários no Paraná e no Brasil, porque contribui para com o desenvolvimento das pesquisas relacionadas aos estudos de gênero no Brasil; ajuda a consolidar os estudos sobre a literatura de autoria feminina brasileira, com especial atenção àquela produzida no Estado do Paraná, ao mesmo tempo em que divulga a

A importância do Centro de Documentação na visão de Bárbara Lia

literatura de autoria feminina paranaense. Também conseguimos ampliar o desenvolvimento das pesquisas desenvolvidas no âmbito do feminismo crítico no Brasil; divulgar de modo acessível, assimilável e solidário os resultados de pesquisas relacionadas ao tema por meio da internet e promover valores de cidadania, como a igualdade de direitos entre os gêneros, subjacente aos estudos relacionados ao tema "mulher e literatura", diz a professora da UEM.

No que se refere às expectativas para o futuro do Centro de Documentação, a professora Lúcia Zolin conta que formalizou, junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PPG/UEM), um novo projeto de pesquisa que contempla a atualização do site. "Passados quatro anos, é chegada a hora de promover a atualização e revitalização do site, tendo em vista a intensa atuação das escritoras paranaenses no campo literário e, consequentemente, as demandas da comunidade acadêmica, e para além dela, ao acesso a essa produção", destaca a docente.

Por fim, Marilia Kubota, citada no início do texto, evidencia o importante papel do Centro de Documentação não só para dar visibilidade às autoras paranaenses, mas também para reunir as próprias escritoras que, com o projeto, podem estar se conhecendo e dialogando. "As mulheres agora estão se encorajando e escrevendo mais, e quando você participa de um grupo acaba que uma encoraja a outra, então existe essa força de se mobilizar.", afirma a escritora.

O conteúdo desta página foi produzido por
Texto: Maria Eduarda de Souza e Milena Massako Ito
Edição de áudio: Maria Eduarda de Souza
Roteiro de vídeo: Maria Eduarda de Souza
Edição de vídeo: Thamiris Saito
Supervisão: Ana Paula Machado Velho
Arte: John Zegobia
Supervisão de Arte: Thiago Franklin Lucena
Edição Digital: Gutembergue Junior

Além de Mulan e Aladdin: uma crítica

Trabalho de João Paulo Baliscei, “PROVOQUE”, sugere novas representações de gênero ao problematizar e questionar estereótipos de personagens de animação

Texto: *Rafael Donadio*

Inspirada numa amiga transgênera do artista, essa arte traz elementos de uma pessoa que pratica boxe, com rosto e cores que dialogam entre o feminino e o masculino, com a imagem do deus grego Baco ao fundo.

Em Maringá, enquanto almoçava com o marido em um restaurante, o professor e pesquisador da Universidade Estadual de Maringá (UEM), João Paulo Baliscei, foi surpreendido por uma criança de 7 ou 8 anos de idade, que, desgarrada de seus pais, surgiu repentinamente ao lado da mesa, na tentativa de assustar o casal. Dirigindo-se a João, o menino falou: "você tem uma barba muito grande".

O casal achou graça e João deu corda ao garoto, dizendo que, realmente, a barba dele era bem grande, igual à do Papai Noel, e perguntou se ele achava aquilo legal ou estranho. Ao que o menino respondeu: "eu gostei, mas achei estranhas as suas unhas, por que você tem unhas de mulher?" João tinha todas as unhas das mãos pintadas de azul.

Esse acontecimento pode passar batido para algumas pessoas. Outras podem achar graça na naturalidade e honestidade de uma criança, e nada mais. Mas, para Baliscei, professor do curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Paraná, aquela cena é significativa e serviu de exemplo para explicar alguns pontos de seu projeto PROVOQUE.

Sigla de "Problematizando Visualidades e Questionando Estereótipos", PROVOQUE foi desenvolvido durante seu doutorado em Educação, "Vilões, Heróis E Coadjuvantes: Um estudo sobre masculinidades, ensino de arte e pedagogias Disney", realizado na própria UEM e defendido em 2018. Tendo os Estudos Culturais como referencial teórico, o pesquisador desenvolveu um sistema de análise de imagens a partir dos procedimentos que ele mesmo, como professor e investigador, realiza dentro da própria cabeça ao fazer interpretações de imagens.

O nome foi colocado no imperativo propositalmente. Baliscei explica que o objetivo é provocar e levar as pessoas ao questionamento. O sistema crítico foi construído com cinco procedimentos (ou etapas): flertando, percebendo, estranhando, dialogando e compartilhando. Cada uma dessas etapas convida as pessoas a assumirem e a lançarem olhares específicos sobre as imagens.

"O meu objetivo com a sistematização desses procedimentos é compartilhar com meus alunos, alunas, orientandos, orientandas e colegas de trabalho, uma ferramenta que pode, quem sabe, auxiliá-los nesses

exercícios que eu chamo de investigação visual crítica e inventiva", explica João.

Ao se debruçar sobre o assunto, ele percebeu que já existiam trabalhos acadêmicos que analisavam a relação entre imagens da Disney e feminilidade, mas não havia esse tipo de pesquisa em relação à masculinidade. Como os desenhos da Disney ensinam às meninas, desde muito cedo, a assumirem comportamentos que, socialmente, serão valorizados quando mulheres adultas. O pesquisador começou a se perguntar se não seria possível e provável que esses mesmos desenhos oportunizem modelos, referências, estereótipos com os quais os meninos devem ou precisam se identificar.

Um fator mais pessoal também teve muita importância na realização do PROVOQUE. Hoje, ao se apresentar como homem gay, João Paulo relembra que, na infância, nos anos 1990, ele foi "ensinado" a ver o próprio corpo, a própria sexualidade, gênero e expressão de gênero a partir de vários estereótipos.

Na infância, para João, era difícil se identificar como uma pessoa gay. "Porque, visualmente falando, ser gay era algo muito negativo, era algo muito imoral, incorreto, vergonhoso. E de onde eu aprendi isso?" Ele pergunta e ele mesmo responde: "lógico que eu aprendi com a igreja e com a escola, mas, sobretudo, a partir das imagens, daquilo que, teoricamente, eu chamo de Cultura Visual".

Andrey Cruz é graduando do curso de Comunicação e Multimeios da UEM e orientando de Baliscei. Os dois estão envolvidos no trabalho que analisa a representação masculina negra na mídia, a partir do personagem Eric Effiong, da série Sex Education, da Netflix. Segundo Andrey, "a mídia, ao mesmo tempo que pode denunciar as mazelas da sociedade, também ensina como devemos ser dentro dela."

Assim, a partir da própria vivência e dificuldade de representatividade que teve durante a infância, nos anos 1990, e os questionamentos que levantou sobre estereótipos retratados em diversas imagens, Baliscei resolveu criar o PROVOQUE. Na construção desse novo método, ele trabalhou com dois desenhos da Disney: Aladdin (1992) e Mulan (1998), analisando dois vilões, dois heróis e 16 coadjuvan-

tes, todos personagens masculinos. Pois bem, mas como são feitas as análises dentro desse sistema específico, com cinco etapas?

Flertando. Como a própria palavra sugere, a primeira etapa é como uma paquera do intérprete com a imagem, um interesse ou uma paixão. É o momento que o pesquisador propõe uma aproximação descompromissada ou sem obrigações previamente estabelecidas.

Percebendo. Esse é o momento em que as imagens escolhidas passam a ter um significado mais profundo do que uma simples paquera. É o momento em que as imagens são expostas, descritas e apresentadas visual e verbalmente. Essa segunda etapa favorece os exercícios de investigações visuais críticas e inventivas, já que, enquanto socializa as imagens selecionadas, as descreve e orienta os olhares de forma a perceber os elementos que serão problematizados e fundamentados nas próximas etapas.

Estranhando. Etapa em que o investigador visual deve realmente se estranhar com a imagem, lançar questionamentos, provocar e problematizar as imagens investigadas.

Dialogando. Depois do estranhamento, deve-se discutir e ressignificar as imagens. Para essa quarta etapa, é sugerido que, por meio de exercícios de pesquisa, o intérprete confronte os estereótipos identificados nas imagens com teorias, conceitos, dados, livros, documentos, reportagens, artigos, dissertações, teses ou outras produções que discutam sobre a temática e que possibilitem evidenciar as relações de poder que atravessam a produção visual.

Compartilhando. Por último, vale a máxima popular de que apenas quando ensinamos um conteúdo adquirido é que realmente aprendemos. Portanto, nessa quinta etapa, devemos compartilhar o que foi analisado e redesenhar a imagem escolhida com seus novos significados. Na tese, João Paulo apresenta os desenhos ressignificados que produziu.

Agora, é possível que alguém esteja se perguntando como aquele menino do restaurante do começo do texto se relaciona com o projeto de João Paulo Baliscei. Pois bem, ninguém melhor que o próprio criador para nos dizer. “Alguém ensinou a essa criança de 7 ou 8 anos que unha pintada é coisa de mulher. Então, ela atravessou o restaurante e, diante de uma pes-

Etapas	Verbos/Ações	Síntese	Perguntas
Flertando	Buscar Escolher Reunir Justificar	1) Compor o *corpus* de análise 2) Expor os critérios adotados para a seleção	É interessante e necessário analisar quais imagens? Por quê?
Percebendo	Mostrar Narrar Analisar Interpretar	1) Apresentar visualmente e verbalmente as imagens selecionadas 2) Chamar atenção para representações específicas, preparando-as para a análise	Quais imagens foram selecionadas? Como elas são compostas? Que histórias contam?
Estranhando	Questionar Incomodar (-se) Suspeitar Denunciar	1) Formular 2) Lançar perguntas que problematizem os estereótipos oferecidos pelas/nas imagens	A quem essas imagens (des)favorecem? Como representam a mim e ao/à outro/a?
Dialogando	Pesquisar Desestabilizar Comparar Relacionar	1) Promover diálogos, por exemplo, com textos científicos e com outras imagens	Como a produção científica analisa esse tema? Quais imagens são diferentes daquelas que compõem o *corpus* de análise?
Compartilhando	Divulgar Oferecer Trocar Produzir	1) Socializar as vivências proporcionadas pelo PROVOQUE	Como é possível divulgar os conhecimentos construídos no PROVOQUE?

YouTube **Professor questiona masculinidade frágil em personagens da Disney**

soa que ela não conhece, valorizou a barba, um marcador de masculinidade, mas antes de perguntar o meu nome, censurou a maneira como eu pinto as minhas unhas. E não estou colocando a criança como um agressor e eu como vítima. Eu coloco essa criança como vítima. Olha o que foi ensinado, [e ensinado de tal forma que] ela atravessou o restaurante porque algo a incomodou muito, e esse 'algo' foram as minhas unhas."

Assim como o João de 8 anos de idade, a criança do restaurante, provavelmente, é bombardeada de informações do colégio, da igreja e de imagens da mídia, quadrinhos e tantos outros meios, sugestionando e, dessa forma, ensinando, que existe apenas uma forma de representação feminina e apenas uma forma de representação masculina. E nesses estereótipos, quem pinta a unha é a mulher. O homem que tem unhas coloridas ou trejeitos femininos é "imoral, incorreto e vergonhoso". É sempre o vilão.

Esses vilões, personagens representados como pessoas más e diabólicas, geralmente usam saia e joias, mexem muito as mãos e possuem diversas outras particularidades reservadas apenas ao estereótipo feminino, o que, dentro da trama, é motivo de vergonha para eles e piada para os outros personagens.

Ao analisar o personagem Jafar, de Aladdin, João Paulo questiona o fato dele ser o único homem do desenho com saia, com um véu que emoldura o rosto, cabelos longos e joias. É um personagem construído com analogias à feminilidade, sugestionando que o comportamento dele passa a impressão de uma não heterossexualidade. E como já dito, é o vilão diabólico.

Ao ressignificar a figura de Jafar, João focou principalmente nos movimentos das mãos e nas cores. "Ele é bastante caracterizado pelas mãos dramáticas, então eu desenhei o personagem utilizando cores que, socialmente, são relacionadas ao feminino e trago ele movimentando as mãos de uma maneira orgulhosa e não de uma maneira que proporcione vergonha ou algo do tipo", explica o artista, sobre uma das reproduções que fez em sua tese.

O estudante Danilo Henrique, de 22 anos, de Campinas (SP), participou como ouvinte de algumas discussões do grupo Artei (Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens), da UEM, coordenado por Ba-

liscei. Ele disse ter sido “uma criança viada” e, assim como aconteceu com João Paulo, Danilo, mesmo não crescendo na década de 1990, teve

dificuldade em se identificar como pessoa gay. A sorte é que ele teve a internet, onde encontrou pessoas que eram tão “estranhas” como ele, e também onde encontrou o Artei.

Outra sorte do estudante paulista foi nascer em uma família que ele descreveu como “diferente do que é normal”, pelo fato de seus pais serem pessoas com deficiência (PCD), física e visual, e a irmã ter se reconhecido como lésbica. “Eu tive uma infância muito livre, amava as bonecas da minha irmã e minha mãe sempre falava: ‘deixa ele brincar’. A dificuldade é que na escola eu não podia, né? Eu nunca apanhei, mas já sofri bullying. Já cheguei até a sair de batom e meus pais nunca me impediram”, relata Danilo.

Atualmente, ele levanta questionamentos sobre a binaridade de gênero: “Não sei se já posso definir, mas não me encontro nem lá e nem cá. Nem só homem, nem só mulher. Então, surgiu a questão da não binaridade de gênero, que é quando você está no meio entre o homem e a mulher, e você pode transitar também.”

Mas, apesar da internet e da família acolhedora, no Instagram, Danilo precisa ter uma conta privada para mostrar seus desenhos, fotos e outras artes pela qual consegue se expressar. E não faz isso apenas por causa das pessoas que o julgam, mas também por causa do próprio Instagram, que bane muito dos desenhos dele, mesmo sem nudez ou qualquer conteúdo ofensivo. Na escola, também percebeu que esconder quem realmente era o livrava do bullying, então foi isso que fez durante um bom tempo.

Homem negro, Andrey Cruz acredita que a representação é uma possibilidade de existência. Se ele não se vê representado em algum espaço, provavelmente, crescerá pensando que não pode ocupar esse determinado espaço. “Como muitos meninos pretos, que não se imaginam na frente de uma sala de aula, porque nunca tiveram professores pretos para se identificarem e perceberem que aquele futuro pode ser o futuro deles. Em contrapartida, sempre veem personagens como eles em reportagens, sendo chamados de traficantes e portando 10g de maconha. Como eu consigo me ver futuramente?”, questiona o graduando.

Andrey e Danilo cresceram expostos a imagens que traziam uma única representação de masculinidade e, na grande maioria das vezes, representadas por homens brancos, que “diziam” a eles que o jeito que eram e existiam era diferente e errado. Para criar novas representações, PROVOQUE propõe uma nova produção de imagens, que mostre uma ampla

Danilo Henrique, participante do grupo de pesquisa Artei

Andrey Cruz, graduando do curso de Comunicação e Multimeios

Andrey fala sobre busca por representatividade

representatividade para as crianças, como Andrey e Danilo, mostrando diferentes formas de existência.

COMPARTILHANDO

Em sua tese, depois de realizadas as quatro primeiras etapas de PROVO-

QUE, o professor João escolheu cumprir o quinto e último passo, “Compartilhando”, expondo as gravuras que ele mesmo recriou, a partir da análise de cada um dos 20 personagens das animações Mulan e Aladdin. As imagens foram coladas nas paredes de diversos banheiros públicos da UEM e das ruas de Barcelona, na Espanha, onde parte da pesquisa foi feita, em um doutorado sanduíche, na Facultad de Bellas Artes/ Universitat de Barcelona.

Posteriormente, o professor reorganizou a estrutura do texto, linguagem, diagramação e até a questão de acessibilidade, para transformar todo esse material em livro, com um acesso mais fácil para a sociedade. Então, no ano passado, foi lançado o livro “PROVOQUE”, pela Editora Metanoia, que traz um recorte do trabalho com uma linguagem menos acadêmica.

Ainda como uma continuação da discussão levantada pela tese de doutorado, sobre problematizar visualidades e questionar estereótipos, João Paulo escreveu e lançou, na segunda-feira (9), o livro infantil “A vida de um Chuveirando”, produzido com verba de Incentivo à Cultura, pela Lei Municipal de Maringá 10988/2019, Prêmio Aniceto Matti, tendo mais de 1500 cópias sendo distribuídas, gratuitamente, para a população da cidade. “O Chuveirando foi um personagem que eu criei em 2009, quando me apaixonei pelo meu marido, com quem eu

Príncipe Naveen (A Princesa e o Sapo)

Mulan e Capitão Lee Shang

vivo até hoje. Me pareceu estranho explicar para as pessoas como eu, um homem religioso, me apaixonei por outro homem. Como eu não consegui explicar, eu criei esse personagem e uma história", explica o professor.

Professor e pesquisador da UEM João Paulo Baliscei e o livro PROVOQUE

Para que novas histórias como a de Chuveirando sejam contadas e novas representações sejam criadas, é preciso que profissionais responsáveis pela criação de imagens, profissionais que utilizam imagens em qualquer atividade de ensino, alunos, pesquisadores e todas as pessoas comecem a problematizar visualidades e questionar estereótipos. Assim, novas representações de gênero surgirão e as crianças passarão a entender que existem diversas maneiras de ser, dentre elas, uma em que meninos possam pintar as unhas e as meninas possam escolher não serem mães quando adultas.

Definição de Estudos Culturais: As relações entre imagens e sujeitos são menos caracterizadas pela suposta "transmissão" de conteúdos por parte das imagens e mais pela criação de significados por parte dos sujeitos. Logo, nessa linha de raciocínio, ao invés de "lerem" significados previamente estabelecidos nas imagens, os sujeitos desempenhariam papéis de Construtores ou Intérpretes Visuais.

O conteúdo desta página foi produzido por
Texto: Rafael Donadio
Edição de áudio: Valéria Quaglio da Silva
Roteiro de vídeo: Karoline Yasmin
Edição de vídeo: Karoline Yasmin
Supervisão: Ana Paula Machado Velho
Imagens: Arquivo Pessoal e material de pesquisa
Arte: John Zegobia

Arte é tudo aquilo que você quer que ela seja

Um século depois da Semana de Arte Moderna de 1922, a discussão sobre o que é arte e a sua importância continua instigando pesquisas e produções artísticas

Texto: *Rafael Donadio e Tiago Franklin Lucena*

Uma espécie de fractal modernista, criado com elementos da arte da Tarsila do Amaral (paleta de cores e formas geométricas), compõe esse Abapuru multicolorido. A imagem homenageia a semana de arte moderna.

Naná Vasconcelos, pernambucano considerado por diversas vezes como o melhor percussionista do mundo, apresentou grande parte da sua produção artística por meio de músicas e melodias. Para ele, a arte é como uma religião, como ele mesmo afirmou em entrevista para o extinto jornal O Diário do Norte do Paraná, meses antes de morrer, em 2016: “Minha religião é a música”.

Para o poeta, dramaturgo e teórico russo Vladimir Maiakóvski: “a arte não é um espelho erguido para a realidade, mas um martelo para moldá-lo”. Para o artista surrealista René Magritte: “A arte evoca o mistério sem o qual o mundo não existiria”. Já para o pintor simbolista Gustav Klimt: “A arte é uma linha em torno de seus pensamentos”. Ou seja, cada um traz uma definição para a arte, de forma que receberíamos mais de 7 bilhões de respostas diferentes, caso pedíssemos a definição para os mais de 7 bilhões de habitantes do mundo.

Entre essas definições, é possível dizer, de forma mais abrangente, que a arte é um tipo de expressão ou de manifestação dos seres vivos. Sim, seres vivos. Alguns estudiosos defendem que aves e outros diversos animais produzem arte. Outros a identificam como algo inato apenas ao ser humano. Esse é um debate acalorado que mistura pesquisas do campo da antropologia, cultura, biologia, neurociência e outras áreas, para definir o que é o assunto desta matéria: a arte.

Para o Prof. Dr. Rael B. Gimenes Toffolo, líder do Grupo de Estudos Interdisciplinar de Arte Interativa (Gritaria) e Diretor de Cultura da Universidade Estadual de Maringá (UEM), de forma mais ampla: “a produção da arte é uma maneira de convidar a pessoa àquilo que é inusitado para ela. Tirar a pessoa do cotidiano e fazê-la repensar sobre a própria forma como ela está vivendo, como o corpo dela age nessa situação provocativa que é a arte. Arte é uma provocação dos sentidos”, define.

E Rael, ainda na missão quase impossível de explicar a arte, fala dela como forma de expressão. Ele afirma que, na produção de uma obra, há alguém ocupando a posição de artista, propondo alguma transformação de um espaço, de uma realidade e de um jeito de viver, para que um outro experiencie isso. A arte é algo para ser experimentada e experienciada.

Dentro dessa impossibilidade de estabelecer o que é arte, existem

muitas possibilidades de entendê-la. No áudio abaixo, do professor Rael, é possível ouvir mais uma delas, a de revelar e transformar, revelando-se um papel social das produções artísticas.

O professor e pesquisador Rael B. Gimenes Toffolo fala da arte como agente revelador e transformador, utilizando como o exemplo o estilo de música conhecido como paisagem sonora

Ao ouvir a fala do professor, é possível analisar as famosas e já batidas frases: "A arte imita a vida" e "A vida imita a arte". Elas fazem sentido, mas, agora, para melhor entendê-las é preciso acatar a sugestão de Rael e substituir a palavra "imita" nessas citações, pensando as frases da seguinte forma: a arte é uma maneira de criar em vida sobre a vida. E por que isso faz sentido?

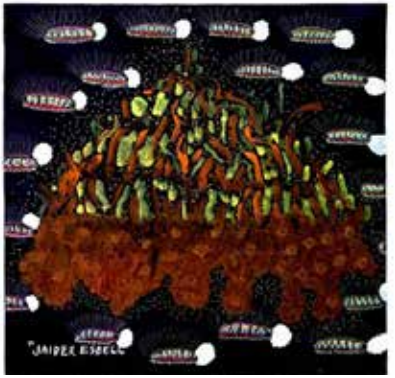
O processo acontece em movimento circular, como explica Rael: "A gente coloca uma produção artística no mundo a partir de algo que vivemos e que, de alguma forma, virou algo organizado ou desorganizado. Depois, essa produção vai criar um conjunto de percepções, que, caso tenha a capacidade de transformar o outro, transformará uma ou mais vidas. Então, você tem artes criadas pela vida e vidas transformadas pela arte".

Quando se fala de percepções do outro em relação a uma obra de arte, Rael lembra que elas diferem para cada um, para cada individualidade. Essa compreensão depende do espaço no qual vive o indivíduo, da educação que ele tem, dos gostos, da história e de todas as experiências de vida.

O mesmo vale para o autor. O artista indígena contemporâneo, por exemplo, utiliza um modelo de arte européia, da arte como objeto, para materializar e demonstrar não só a própria identidade, mas as diferentes identidades das tribos indígenas e suas concepções de arte: "A arte indígena para nós está essencialmente no dia a dia, na comunidade, na coletividade, nas práticas, que transcendem uma habilidade manual ou oral. Pressupõe todo um composto de vida, onde a arte maior é esse viver harmônico com o ambiente, isso que o Ocidente já separou como natureza", explica Jaider Esbell, artista plástico indígena da etnia Makuxi,

de Roraima, em entrevista para o site Brasil de Fato, semanas antes de ser encontrado morto em casa, em novembro do ano passado.

O que Jaider faz é trazer para reflexão uma arte originariamente brasileira, uma produção artística que fluía nas comunidades e tribos, antes dos portugueses invadirem o Brasil (terra dos indígenas). Eram bastantes musicais, visuais e sensoriais. A produção artística indígena contemporânea continua trazendo a espiritualidade e a denúncia, sendo sempre uma arte política, não deixando que eles sejam vistos como algo histórico do passado, mas atualizando a própria existência enquanto povos plenos, com filosofias, com modelos de educação, direito e toda uma sociedade constituída.



A origem dos lagartos de fogo (2017), Jaider Esbell – Reprodução

Kanaimé (2017), Jaider Esbell – Reprodução

Ninho de pajes (2018), Jaiber Esbell – Reprodução

Sem título (2017), Jaider Esbell – Reprodução

Esse movimento de busca por uma identidade nacional foi um dos grandes motivadores da Semana de Arte Moderna, que completa 100 anos em 2022. Naquele momento, artistas que, inclusive foram formados em escolas européias, começaram a discutir e a pensar o que seria uma arte brasileira. O movimento propunha uma série de interpretações do fazer artístico, incorporando a ideia de "comer" aquilo vindo de fora e "regurgitar" algo com a originalidade brasileira, numa antropofagia (significado no fim do texto) remetente a uma imagem estereotipada de índio canibal. Tarsila do Amaral, uma das participantes da Semana, é autora do quadro mais famoso do Brasil "Abapuru", interpretado e contemporaneizado por diversos artistas, como Alexandre Mury. Os reflexos da semana ainda se encontram em produções contemporâneas, na abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos do Rio 2016, por exemplo, os organizadores se inspiraram nas paletas de cores e algumas contribuições desses artistas brasileiros.

Mona Lisa, Alexandre Mury

Aopkhes, Alexandre Mury

Van Gogh, Alexandre Mury

Saindo da semana de arte, uma outra artista que se valeu da arte para discutir os papéis sociais é a norte-americana Cindy Sherman, a qual utiliza o próprio corpo como modelo para criar diferentes personagens em suas próprias fotografias, fazendo associações sociais,

visuais e comportamentais, que levam o público a refletir sobre os diferentes papéis desempenhados (ou seriam rotulados? estabelecidos?) pelas mulheres na sociedade contemporânea. Ela utiliza suas obras para lançar olhares para outros entendimentos sobre o corpo e

os papéis de gênero, por exemplo. Cindy anula a sua própria identidade para questionar outras identidades. Atualmente, ainda produzindo e experimentando, ela aproveita as redes sociais, como o Instagram, para divulgação e exposição. Essa utilização de meios não convencionais para a apreciação da arte, como a rede social, é um dos caminhos que a arte moderna apontou e que é mais explorada cotidianamente. Não precisamos mais ir ao museu para apreciar arte, ela pode estar em qualquer lugar.

FUNÇÃO

A arte também se apresenta com muitas e muitas funções, inclusive a de não ter função, como defendem muitos estudiosos. Algumas manifestações artísticas podem ser políticas, pedagógicas, outras, podem funcionar como entretenimento, para refletir, para fazer rir e, dessa forma, podemos citar tantas outras.

Atualmente, dois objetivos estão muito presentes nas produções artísticas. O professor Rael cita o objetivo de chocar e o de atingir e mexer com a percepção do outro, de forma que as pessoas enxerguem a(s) própria(s) realidade(s) de uma forma não cotidiana e não convencional, como estão acostumadas. É com isso que boa parte da arte contemporânea trabalha, inclusive a arte interativa.

Na UEM, entre os grupos de pesquisas da área das artes, dois específicos estão diretamente relacionados com os objetivos citados acima: O Grupo de pesquisa e experimentação em arte, subjetividade, educação e diferença (Dobra), criado pela artista e professora do curso de Artes Visuais da UEM, Roberta Stubs, e o Grupo de Estudos Interdisciplinar de Arte Interativa (Gritaria), criado e liderado pelo próprio professor Rael B. Gimenes Toffolo.

Esses grupos investigam as provocações da arte e convocam, em alguns casos, os espectadores a saírem da sua posição de “apenas ver e ouvir” a arte, e participarem de sua criação. Na história da arte, vimos isso com artistas que convidam o público a participar, dançar, vestir roupas, consumir algo. Grupos de improvisação teatral e de performances são bons exemplos. Mas dois nomes das ar-

tes plásticas são sempre mencionados nesse sentido, pois inauguraram o que podemos chamar de “arte participativa”, os brasileiros: Hélio Oiticica e Lygia Clark. O uso do recurso computacional para propor interatividade foi um movimento natural, tendo em Waldemar Cordeiro um dos pioneiros no mundo. As experimentações e problematizações dos grupos de pesquisa na UEM atualizam e levam as possibilidades da arte para novos e inexplorados lugares. Mas como a arte é um campo aberto, muito ainda tem que se fazer.

Para tratarmos melhor sobre a arte contemporânea, passemos à próxima reportagem desta semana: Quando o corriqueiro se transforma em obra de arte?

GLOSSÁRIO

Antropofagia: é um complexo ritual ameríndio de guerra, que envolve vingança e, como derradeira etapa do processo, a ingestão da carne do inimigo virtuoso. A Antropofagia não é canibalismo, porque é uma prática ritualística. O canibalismo, por sua vez, é a antropofagia por fome. Os primeiros relatos no Brasil datam do século XVI.

O conteúdo desta página foi produzido por

Texto: Rafael Donadio e Tiago Franklin Lucena
Edição de áudio: Rafael Donadio
Arte: Murilo Mokwa
Supervisão de Arte: Tiago Franklin Lucena
Edição Digital: Gutembergue Junior

Quando o corriqueiro se transforma em obra de arte?

Pesquisadores e artistas contemporâneos ampliam os limites e as definições do que é considerado uma produção artística

Texto: *Rafael Donadio e Tiago Franklin Lucena*

"Isto não é um extintor" é a frase que lemos em francês e que remete a arte dadaísta de Magritte. Coincidentemente o extintor é um holograma (arte tecnológica) que está sendo apresentado numa galeria de arte que pega fogo e o vi-sitante o visualiza usando um óculos de realidade virtual. O personagem remete a cena de um meme contemporâneo que o cachorrinho está tranquilo enquanto a casa pega fogo e brinca com os dilemas próprios da arte contemporânea.

Há um estranhamento quando vamos em galerias de arte contemporânea ou em exposições como Bienais, pois somos constantemente desafiados a pensar e refletir o que é arte. Conta-se uma famosa história de uma pessoa que entrou em uma dessas galerias e ficou minutos olhando uma vassoura e um balde encostados na parede, pensando ser uma obra artística, até um funcionário da limpeza vir e levá-los. Algo parecido também já aconteceu com um óculos esquecido em um museu em San Francisco. Durante uma Bienal, por exemplo, a atenção a essa questão é tamanha, que podemos ficar desconfiados do pipoqueiro na saída ser um artista famoso fazendo uma performance. Aquele extintor de incêndio é uma obra? E esse estranhamento, próprio do nosso período, não é necessariamente ruim.

Nesses ambientes, os artistas mostram o resultado de seu processo criativo e de pesquisa e expõem objetos (ou a ausência deles ou a ideia de um objeto) como um trabalho artístico, que, de fato, torna difícil identificar os limites do que é ou não arte. O melhor é que isso não reflete, necessariamente, uma crise do mundo artístico, pelo contrário, confirma que os artistas estão pensando e desafiando o que é arte, alargando as fronteiras do seu próprio fazer. Se não fosse assim, não teríamos as diversas linguagens que são aceitas como arte atualmente, não compreenderíamos o mundo da mesma maneira. Esses artistas e pensadores, em seus processos de pesquisa e criação, ampliam ainda mais as possibilidades artísticas.

Um exemplo de grupo de pesquisadores e artistas que pensam e refletem sobre os limites da arte contemporânea é o Grupo de pesquisa e experimentação em arte, subjetividade, educação e diferença (Dobra), da UEM. Criado há três anos pela artista, pesquisadora e professora do curso de Artes Visuais da UEM, Roberta Stubs, o Dobra, como ela mesmo explicou, tem como foco a arte contemporânea em articulação com outros campos de conhecimento.

Questionada sobre a arte contemporânea ser apenas aquela feita nos dias atuais, a pesquisadora esclarece:

YouTube **O que é arte contemporânea?**

Utilizando textos de filosofia, escritos de artistas e textos dos estudos de gênero, do feminismo, da filosofia da diferença e do pensamento decolonial como base teórica, as discussões do Dobra analisam os trabalhos de artistas contemporâneos e os trabalhos dos próprios participantes, transitando entre o campo da arte e da educação, sob a ótica do pensamento contemporâneo.

"A gente pensa o contemporâneo a partir da encruzilhada que é esse lugar, que é um encontro de teorias dissidentes, de práticas artísticas desviantes e de um pensamento que não busca respostas, mas que busca fazer perguntas, lançando luz de modo singular e sensível às complexidades e urgências do presente", explica Roberta. Além disso, o grupo realiza mediação em exposições e publicações de livros e artigos.

Dentre as principais discussões e produções artísticas dos participantes do grupo, percebe-se o pensamento do corpo para além do binarismo, o debate feminista, o esgotamento do presente, desse capitalismo que exige excessivamente e que nos deixa cansados e esgotados, e alguns outros assuntos. Todos os trabalhos do Dobra, de alguma forma, estão articulados com questões contemporâneas, como discussão de gênero e discussão do pensamento decolonial.

Auguste Montini, Glad Cling Wrap 50 ft, video-performance, 2020

Jaqueline Nascimento, Fase de reparo, colagem, 2020

Lua Clara, Sintoma, vídeo-performance, 2020

Maddox, Está visível, mas você vê? Escultura, 2019

Roberta Stubs, sem título, foto-performance, 2021

Antes de explicar o que é o pensamento decolonial, a pesquisadora Roberta ressalta que o nosso modo de pensar e praticar a vida é definido pelo modelo de pensamento branco europeu, ou pensamento do colonizador (que "mata" a cultura original e torna-a inválida), imposto a nós, colonizados, há muitos anos, e que determina, por exemplo, o que é e não é cultura ou o que é e não é arte.

O pensamento decolonial, portanto, repercutido na arte, passa a problematizar a imposição desse único modelo de conhecimento europeu e abre espaço para novas formas de pensamentos, novas narrativas e outras expressões. A escola do pensamento decolonial realiza a "abertura para outras frequências de pensamento e produção artística", afirma Roberta. Essa escola surge do desdobramento de pensamentos dos movimentos feminista, negro, latino-americano e indígena, originários da década de 1960.

"Atualmente, existem muitos artistas indígenas contemporâneos e eles fazem questão de dizer que não é 'arte contemporânea indígena', é 'arte indígena contemporânea', porque não são eles tentando se encaixar no que a arte contemporânea define, são eles causando fissuras na própria arte contemporânea e ressignificando esse lugar", afirma Roberta. A arte indígena contemporânea, que é melhor explicada na reportagem Arte é tudo aquilo que você quer que ela seja, desta semana, é um exemplo de arte que faz uso do pensamento decolonial, entre tantos outros.

Além dessas questões, há grupos e artistas que buscam experimentar e criar arte com instrumentos e ferramentas que não são vistas como próprias do mundo artístico, dentre elas, a própria tecnologia. Com esse gru-

po de artistas que se desafia a usar informática e satélites, por exemplo, novos campos de atuação se iniciam, denominados: arte telemática, arte e tecnologia, arte digital, arte eletrônica e arte interativa.

Muitos desses trabalhos artísticos colocam o espectador para atuar e fazer parte do próprio processo, tocando objetos, se mexendo, acionando botões, clicando em imagens e tantas outras interações. Assim, nos últimos anos, o público saiu de uma posição mais passiva e contemplativa da arte para se tornar uma espécie de autor, ou, como preferem alguns, um "interator".

Um outro grupo de pesquisa que se interessa por essa dimensão na arte é o Grupo de Estudos Interdisciplinar de Arte Interativa (Gritaria), criado e liderado pelo pesquisador Rael B. Gimenes Toffolo. Um dos eixos da arte interativa que norteia os estudos do grupo, conhecido como interatividade forte, compreende as interações artísticas em que o público participa do processo de criação, derrubando as fronteiras entre autor e espectador, fazendo com que os dois papéis se tornem apenas um. O segundo é conhecido como interatividade fraca e se preocupa com as fronteiras entre as linguagens audiovisuais, visuais, sonoras, corporais e tantas outras.

Ao contrário do que vem sendo feito, historicamente, na arte, o Gritaria lida com os sistemas da percepção do ser humano, como audição, visão, tato, paladar, movimento, corpo etc, como percepções conectadas. "A gente não tem mais fronteiras entre o que é música, o que é arte cênica, o que é artes visuais, o que é dança, o que é circo. Você tem músico fazendo obra musical e visual, você tem bailarinos e bailarinas fazendo obras sonoro-corporais, então, as fronteiras se fundiram", explica Rael.

As atividades do grupo sofreram com o começo da pandemia do Covid-19, porque o que eles mais precisam é de público e aglomeração. Mas apesar disso, um dos participantes, Tauan Sposito, defendeu a tese de mestrado no ano passado: uma dissertação/composição audiovisual, intitulada A Mandala Entre os Escombros: (re)situando tempo e espaço em uma composição audiovisual.

Em sua pesquisa, Tauan aborda a relação entre o corpo e a mente, e entre o tempo e o espaço, como dependentes e intimamente ligadas, distanciando-se do pensamento cartesiano dualista. Para isso, ele adota o termo "fenômeno espaço temporal" para falar sobre essa complexa co-

nexão entre tempo e espaço. A composição audiovisual não é um produto da pesquisa, aponta Tauan, ela emerge junto com a pesquisa. O processo de composição auxiliou o processo de pesquisa e os resultados da pesquisa foram moldando as formas como ele via a produção.

"A composição da 'Mandala entre os escombros' passa por um processo de imersão audiovisual, buscando sonoridades do ambiente, vídeos de objetos com ângulos, desfoques e sobreposições diferentes, resultando em imagens distorcidas e abstratas, e a utilização de softwares de edição de áudio e vídeo. Dessa forma, buscamos um ambiente e tempo próprios", explica o pesquisador. São nessas produções artísticas, em que se quebram as fronteiras entre público, artista e linguagens, que encontramos a arte como prática social, em um processo de democratização, em que as pessoas se veem tão artistas quanto qualquer outra. "Isso faz com que elas revejam o mundo delas. Isso é o mais artístico: transformar a percepção do outro, de forma que ele comece a reler o próprio mundo em que vive, comece a rever a própria vida", diz o líder do Gritaria.

Consequentemente, para Rael, o período mais importante da arte sempre será o que estamos vivendo, o "período presente", o contemporâneo que está em nosso tempo presente, não aquele que está nos livros de história como "arte contemporânea", porque esse já está no passado, virou conceito. Caso contrário, a produção artística passa a ser historicizada.

Com o artista conectado ao tempo e o espaço que o cerca, é possível "jogar" em suas obras os questionamentos que tem em relação aos dilemas, os problemas e as necessidades do mundo e da própria vida, sendo, então, capaz, como agente social, de transformar o planeta.

É por isso que poderes autoritários e ditatoriais sempre temeram, e ainda temem, a arte de seu tempo. A capacidade de transformação da produção artística pode derrubar qualquer um deles.

O conteúdo desta página foi produzido por
Texto: Rafael Donadio e Tiago Franklin Lucena
Edição de vídeo: Thamiris Saito
Arte: Murilo Mokwa
Supervisão de Arte: Tiago Franklin Lucena
Edição Digital: Gutembergue Junior

Uma língua de muitas histórias

A História do Português sob o olhar da ciência

Texto: *Hélcius Batista Pereira*

A ilustração remete ao conhecido estilo de azulejo português, retomando a história de Portugal e seus navios durante a era das navegações. O enquadramento apresenta junto a Portugal, parte da Espanha atual, sugerindo a Península Ibérica e sua história, essa união influenciou o desenvolvimento linguístico da região.

5 de maio é o Dia Mundial da Língua Portuguesa. E nós aproveitamos a ocasião para mostrar o que a Ciência sabe e o que não sabe – e anda querendo saber – sobre a língua materna de pelo menos 200 milhões de Brasileiros...

Ei, mas espere, pois alguns leitores podem estar se perguntando: "Uhm? Ciência? Não se sabe tudo sobre a língua portuguesa? Mas estudamos na escola e parecia que nos manuais de gramática estava todo o conhecimento sobre a língua!". Outros, ainda, podem estar desconfiados questionando: "O que a ciência tem pra investigar sobre a língua que usamos? Sabemos tudo sobre ela, ué! Tanto assim que não passamos um dia sequer sem falar algo em português no Brasil". Pois é, vamos falar um pouco disso nos próximos parágrafos. Vamos tentar mostrar, por meio das pesquisas sobre a História da Língua Portuguesa, a riqueza que é olhar para nossa língua como objeto de pesquisa científica. E conhecer mais sobre ela, você deve saber, é entender mais sobre nós mesmos.

Mas, antes de entrar nessa História, é preciso entender duas coisas que marcam todas as línguas humanas do planeta. Eu disse "todas". Todas as línguas do planeta são sempre marcadas por "variação" e por "mudança" linguística. Opa! Animaram-se os mais jovens: "Já estudei esse papo de variação linguística na escola, né! Temos variação porque o Brasil é muito grande e cada região se fala de um jeito. Temos variação porque meu avô fala diferente de mim!". Isso mesmo!

Fenômeno da variação linguística (Reprodução/Blog Parábola)

Porém, o fenômeno da variação linguística é muito maior do que isso! Há variação linguística porque a língua sempre me oferece formas diferentes de dizer a mesma coisa. E isso vai além das diferenças regionais – como o fato de que em alguns lugares se diz "bolacha" e em outros, "biscoito". Também vai bem mais além do que as diferenças de fala entre jovens e idosos – aquelas que a gente percebe quando vê nosso avô dizendo que o doce ficou "supimpa" no lugar de falar: "O doce ficou bom / show / massa". Por exemplo, posso dizer "Este é o carro amarelo" ou "Este é o carro que é amarelo". Ou ainda, posso escolher dizer "Amanhã eu viajarei" ou "Amanhã eu vou viajar". Pensando que qualquer um de nós pode dizer uma forma ou a outra, percebemos que a variação está no indivíduo também. Diante de formas linguísticas diferentes à nossa disposição, escolhemos uma delas, conforme o contexto, optando sempre pela que nos parece melhor, em cada situação de comunicação.

"Está bem, professor, entendido! E onde entra a 'mudança'?" A mudança linguística é fruto da variação. Num dado momento uma das formas de dizer ou escrever algo prevalece sobre as outras formas e se torna preponderante. Pode até substituir completamente a forma concorrente, que desaparece. "Mas os usuários da língua escolhem uma forma linguística e abandonam a outra?", perguntou-me um curioso. Oras, oras, essa é exatamente a pergunta que alguém que queira estudar a língua do ponto de vista científico deve fazer. Às vezes, uma forma linguística fica associada a um grupo social de maior poder social, de modo que a outra forma fica identificada como uma forma a ser evitada. Passamos, por exemplo, a ter vergonha de usá-la ou de associá-la com um grupo social ao qual não queremos pertencer. Atribuímos valor social às formas linguísticas, de modo que uma forma recebe de nós um valor de prestígio e a outra, de estigma. Esse processo de mudança pode durar muitas e muitas décadas e é sempre preciso investigar mais de perto para entender o que de fato aconteceu. E é aí que entra a Ciência que estuda a língua. No caso, entra a Linguística, que é o ramo científico que investiga como a língua é, ou ainda, como os falantes usam a sua língua, seja na oralidade ou na escrita.

Bem, entendido esses dois pontos, podemos começar a pensar como surgiu a língua que a data do dia 5 de mais enaltece. Aí vem aquele leitor

sabido: “Eu sei, eu sei. Veio do Latim. A língua de escritores como Cícero e Virgílio. Eles eram romanos e escreviam e falavam em latim. Quando o Império Romano chegou ao fim, surgiu a Língua de Camões!”... Ei, calma lá! Não foi tão simples e tão rápido assim. Vamos ver com calma o que a Linguística e a História da Língua nos contam sobre isso.

De fato, os romanos andaram por toda a Península Ibérica – região que cobre hoje o que conhecemos como Portugal e Espanha – durante o seu período de expansão. Isso aconteceu por volta de 218 a.C., como um dos capítulos da chamada Segunda Guerra Púnica. Principalmente, na região mais ao sul da Península, a língua e a cultura dos romanos se espalharam mais facilmente – ao norte, nas terras dos chamados Gallaeci houve alguma resistência. Assim, por um período de quase 600 anos, toda a península permaneceu sobre domínio dos romanos e o Latim passou a preponderar por lá.

Região antigamente conhecida como Península Ibérica (Reprodução/Minuto Ligado)

Mas, nesse tempo todo, o Latim não permaneceu intocável. Lembra-se que toda língua é marcada por variação linguística e passa por mudança? Pois é. Com a língua dos romanos não foi diferente. Nesse tempo todo, muitas mudanças foram ocorrendo no interior do Latim

usado na Península Ibérica. Só pra exemplificar – claro não daria tempo de aqui te contar todas as mudanças – o Latim Clássico na oralidade apresentava dez sons vocálicos (de vogais), havendo a distinção entre as "breves" (ditas com a boca mais aberta) e as vogais longas (nas quais os falantes se demoravam um pouco mais na produção do som). Esse sistema foi, aos poucos, sendo alterado para apenas sete vogais abertas e fechadas em um sistema semelhante ao que temos hoje – temos o som "a" (que encontramos em "pata"), o som fechado "ê" (que realizamos em "peixe"), o som aberto "é" (que temos em "fera"), o som "i" (que há em "ilha"), o fechado "ô" que ouvimos em "ovo", o som aberto "ó" (que falamos em "porta") e o som "u" (de "uva").

Até que... Ah você deve se lembrar de alguma coisa das aulas de História, não?! A civilização romana chegou ao fim, quando se tornaram enfraquecidos do ponto de vista político e bélico, com as invasões dos povos germânicos – que muita gente chamou de "bárbaros". Pois é, na Península Ibérica foi assim mesmo. Esses povos invadiram a região e deixaram suas marcas linguísticas, a partir do ano de 409 d.C. Assim nos séculos V, VI e VII, vândalos, suevos, alanos e os visigodos permaneceram na península Ibérica, estando em constante luta pelo domínio territorial.

Claro que esses povos encontraram uma população que já falava esse um Latim profundamente transformado durante todo o período romano. Esse Latim falado e alterado seria conhecido como Latim Vulgar. E a permanência desses povos na região acelerou, por um lado, ainda mais as transformações da língua latina que, pouco a pouco, ajudaria a preparar a formação do Português e do Espanhol, em um processo muito lento. Por outro lado, o contato com esses povos enriqueceu o vocabulário dos falantes da Península Ibérica, de modo que algumas palavras que usamos hoje como "guerra", "trégua", "ganso", "espeto" e "estaca" têm origem na língua desses povos.

Mas não parou por aí. Não foi nesse ponto que a língua portuguesa nasceu. Em 711 d.C, portanto, no século VIII, os árabes e berberes do Maghreb, de religião mulçumana, invadem também toda a região. Chamados de "mouros", esses povos permanecerão na Península, de modo mais ou menos tranquilo, até o século XI. Isso mesmo, por quatro séculos! A partir

daí passam a enfrentar a guerra dos povos cristãos que haviam permanecido restritos ao norte, num longo conflito que, para os portugueses, duraria até o século XIII e, para os espanhóis, bem mais que isso. Desse período de domínio mulçumano, tomamos por empréstimo muitas palavras do árabe usadas hoje em Português. Quando o leitor encontrar uma palavra na língua mais falada no Brasil iniciada por "al" e até por "a" desconfie; pode ser uma palavra de origem lá das Arábias! Assim, a palavra "alface", "alfaiate", "azeite", "arroz" entraram para a língua dos falantes da Península Ibérica por causa do contato com esses povos. "E, por que começam com "al"?", pergunta-me o leitor atento. Por que "al" é o artigo do árabe, quando importamos essas palavras trouxemos não só o substantivo, mas o artigo junto. Engraçado, não?! Mas foi assim.

Como resultado dessas invasões de povos germânicos e mulçumanos as transformações no Latim seguiram a todo vapor. Por exemplo, é, provavelmente nesse período, tenha se formado o grupo consonantal (de consoantes) "cl". Assim, se no latim clássico havia "ocŭlum", no Latim Vulgar temos em "oc'lu-" (resultante dao apagamento do "u" depois do "c" e antes do "l"). Mais tarde, essa palavra se transformaria em "olho", vocábulo tão familiar aos falantes de Português hoje. Mas e "óculos", professor? Simples, "óculos" veio do Latim, mas seu emprego na Língua Portuguesa é bem mais recente, quando inventaram essa maravilha que permite a astigmáticos como eu enxergar alguma coisa!

"Bem e o português? Surgiu, então, com esses cristãos que expulsaram os mouros?", pergunta o ansioso leitor. Mais ou menos. Não se pode ir tão rápido. Quando esses povos cristãos oriundos da região mais ao norte do que é hoje Portugal unificaram seus reinos e passaram a realizar a chamada guerra da "Reconquista" – para retirar das mãos dos mulçumanos o domínio da maior parte das terras da Península Ibérica, – falavam o que chamamos de Galego-Português. Você talvez já tenha visto textos nessa língua. Se estudou o

Escrita em latim (Reprodução/Superprof)

Trovadorismo com suas cantigas de amigo, de amor e de escárnio, você teve contato com esse antepassado do nosso Português. Lembra-se, por exemplo, desse verso, escrito por Dom Dinis?

– Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo?
Ai Deus, e u é?

Nesse verso, percebemos que há uma língua mais próxima do bom e velho Português, não é? Mas temos algumas formas estranhas, não? Veja "pino", "sabedes" e "u". Bem, talvez imagine que pino é "pinho", numa referência ao pinheiro. O "sabedes" virou a forma "sabeis" (de "vós sabeis") e este "u", pasme, tinha o mesmo significado de "onde"! Sim, houve um tempo, em Galego-Português, que o interrogativo "onde" não era o mais usado; este só ganhou a guerra com "u" bem depois, em mais um caso de variação que levou à mudança linguística. E o verbo "é"? Não te parece estranho o uso também? Que lê com atenção percebe que falta alguma coisa depois dele, não? Não, não falta. O verbo "é" tinha o mesmo significado de "estar" nesse período, de modo que o último verso poderia ser traduzido para o Português atual por "Aí Deus, e onde está?". Ah, e claro, "amigo" – se você estudou trovadorismo na escola, é, na verdade, um amante; não tem o sentido que conhecemos hoje.

Mas aí novamente atento um leitor pergunta: "Bom, mas se a língua se chamava Galego-Português era também a língua da Galícia, cento?" Isso mesmo! Galego e Português eram uma mesma língua. Somente mais tarde, elas se separaram.

Na realidade, o processo contou com colaboração das variações linguísticas e mudanças ocorridas no interior da língua levada para o sul no processo de "Reconquista". Como os reis portugueses sempre mudavam de residência rumo ao sul, fixando-se por fim em Lisboa, capital portuguesa até hoje, a língua do grupo social mais poderoso daquele reino ia aos poucos se afastando – geográfica e linguisticamente – cada vez mais da língua falada na Galícia. De modo que aos poucos, o Português foi se separando do Galego.

Nessa mudança do Galego-Português para o Português, muita coisa se alterou. Só para ilustrar, a distinção que temos hoje entre "cem"

(com “c”) e “sem” (com “s”) mostra bem a diferença de uma língua para outra. Em Galego-português, a primeira palavra era dita “tchem” e a segunda “sem”. Na formação do Português, esse som que chamamos de palatalizado – porque a língua bate no palato, ou seja, na ponta do céu da boca – desapareceu e foi transformado no som “s”. Eram dois sons diferentes e, por isso, eram escritas de duas formas diferentes!

De qualquer modo, foi nesse processo de intensas variações linguísticas que resultaram em mudanças que finalmente fizeram o Português surgir. Difícil saber exatamente quando. Há muitas propostas de periodização do Português. Algumas sugerem que haveria um Português pré-histórico ou pré-literário antes do ano de 900, mas isso é bem polêmico. O mais correto talvez seja considerar que por volta de 1100/1200 até aproximadamente o Século XV tenha existido o tal Galego-Português, também chamado de português antigo ou arcaico por alguns pesquisadores. Depois disso, o Português teria se separado do Galego, mas ainda passaria por muitas transformações até chegar ao Português Moderno que conhecemos hoje.

Você vai descobrir mais sobre isso no texto “História do Português: as curiosidades ao longo do tempo”, mas antes, conheça outras curiosidades da origem da Língua Portuguesa no vídeo abaixo:

YouTube **De onde surgiu a Língua Portuguesa?**

Sobre o autor do texto: Hélcius Batista Pereira é Doutor e Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela USP, docente e pesquisador do Departamento de Língua Portuguesa e do Programa de Pós-graduação em Letras da UEM, coordenador do Mastigando Letras (projeto de extensão com objetivo de popularização dos conhecimentos e pesquisas da área de Letras).

O conteúdo desta página foi produzido por
Texto: Hélcius Batista Pereira
Revisão: Ana Paula Machado Velho e Noth Camarão
Arte: Murilo Mokwa
Edição de vídeo: Ingrid Lívero
Supervisão de Arte: Tiago Franklin Lucena
Edição Digital: Gutembergue Junior

A moda na moda: em busca de tecidos ecologicamente corretos

Pesquisas atualizam o registro de materiais amigos da natureza para produção de roupas e acessórios

Texto: *Ana Paula Machado Velho e Thamiris Saito*

A sustentável prática de transformação de matéria-prima da kombucha e da fibra de urtiga em tecido. A ilustração traz a ideia de uma matéria prima vegetal, como se as produções a partir desses materiais fossem uma extensão da natureza. A árvore apresenta diferentes frutos com uma plaquinha de identificação do material utilzado.

A moda é uma invenção moderna. A Era Moderna foi marcada por enormes transformações. As grandes navegações resultaram na conquista de muitas riquezas por parte das classes nobres e dos burgueses europeus, criando uma organização social e estabelecendo, mais tarde, o capitalismo. No mundo mercantil e da produção industrial, o consumo vai ser a base da nossa vida em sociedade. O combustível desse cenário moderno da nossa civilização é um movimento que criar ciclos de vida para os produtos, sugerindo que sejam sempre substituídos por novos. Esse movimento ganhou o nome de moda, a eterna busca pelo novo.

Isso fica bem claro na indústria do vestuário. Até hoje, para a gente estar na moda tem que possuir o último lançamento de macacão, jaqueta, calça... e não para por aí, queremos trocar de celular, de carro, de óculos...

Porém, vivemos em um momento bem diferente da Era Moderna, quando havia matéria-prima em abundância na Terra. Aliás, foi naquele momento que começamos a utilizar de forma descontrolada os recursos naturais, fazendo com que, hoje, em agosto de 2021, um alerta seja divulgado de forma urgente sobre a necessidade de cuidarmos melhor do planeta e dos recursos que ele nos oferece.

Segundo a RadioAgência Nacional, o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas mostra que a emissão de gases na atmosfera,

causada por inúmeras atividades humanas, vem elevando a temperatura do planeta causando danos que já são irreversíveis, ou seja, não podem mais ser "consertados". Em outras palavras, as emissões precisam ser reduzidas drasticamente e sabe-se que a indústria da moda tem um papel muito efetivo neste cenário. Segundo o professor Ronaldo Salvador Vasques, do Departamento de Moda, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), ela é a indústria que mais polui o meio ambiente depois do setor do petróleo.

Pensando nisso, o professor e estudantes ligados ao Grupo de Pesquisa em História, Moda e Têxtil – Gemotex, do Câmpus Regional de Cianorte, da UEM, no Paraná, criaram uma ação para caracterizar e catalogar materiais para a confecção de produtos que estejam de acordo com as necessidades do mundo atual: insumos sustentáveis. Para isso, foi criada uma Tecidoteca. Sim, uma "biblioteca" de tecidos, como explica o professor Ronaldo.

De acordo com a equipe do Gemotex, existe uma produção biblio-

Ronaldo Vasques explica o que é a Tecidoteca da UEM

gráfica considerável sobre as coleções dos têxteis usados ao longo dos tempos, mas ainda há a necessidade da descrição destes produtos com detalhes das suas características. Neste contexto, os pesquisadores estão focando suas investigações em produtos sustentáveis. O objetivo é oferecer o maior número de informações para que profissionais e cientistas de todas as áreas possam ter dados de maneira acessível e utilizá-los em pesquisas e no desenvolvimento de novos produtos condizentes com as necessidades do nosso planeta.

"Com a crescente produção e consumo de peças de moda, os danos ao meio ambiente aumentaram e questões como a sustentabilidade vêm sendo amplamente discutidas, fazendo com que os profissionais da área se preocupem em encontrar alternativas capazes de diminuir os prejuízos ao ambiente e a nós, pessoas inseridas nele. A ideia é contribuir para

o desenvolvimento econômico e social voltado ao cunho sustentável. Isto é, usando materiais que são produzidos de forma natural, existam em abundância e podem ser cultivados no nosso entorno, entre outras características. Nossas pesquisas testam diferentes tecidos e produtos. Fazemos dezenas de testes, anotamos tudo e criamos um catálogo. Elaboramos, na verdade, uma ficha técnica que registra as particularidades de cada um, detalhadamente", explica Vasques.

NOVAS CONTRIBUIÇÕES

As últimas pesquisas do Gemotex estão baseadas em dois produtos vegetais, que foram caracterizados por meio de projetos de iniciação científica, orientados pelo professor Ronaldo, utilizando os laboratórios têxteis da UEM e da Tecidoteca: "Desenvolvimento de acessórios voltados para o vestuário utilizando como matéria-prima o couro de kombucha" e "Urtiga: desenvolvimento de produto para o vestuário por meio da utilização da fibra com cunho sustentável".

O primeiro trabalho teve o objetivo apresentar a viabilidade da produção de acessórios (cintos, brincos, colares, carteiras) utilizando como matéria-prima a celulose de kombucha, uma bebida originária da China. Esse material é obtido a partir da fermentação de chá verde ou preto com grandes quantidades de açúcar e de uma associação de bactérias. A reação simbiótica (definição no fim do texto) forma uma espécie de fungo na superfície da mistura, conhecido como scooby. É este material que ganha textura e aparência semelhante ao couro. "Tudo acontece por meio de reações orgânicas, de forma sustentável e biodegradável, o que classifica o produto como uma alternativa vantajosa para o meio ambiente", acrescenta Vasques.

O processo acima não é uma descoberta do Gemotex, a ideia de trabalhar com o material na UEM teve como objetivo, descrevê-lo. A produção do couro orgânico é um dos mais importantes projetos de biodesign do BioCuture, criado por Suzanee Lee, em Londres, em 2011. Lee investiga microrganismos que originam biomateriais; isto é, desenvolvidos a partir de organismos vivos. Para isto, utiliza a kombucha, como mostra o vídeo do laboratório inglês.

Scooby e amostra do couro de Kombucha

O processo acima não é uma descoberta do Gemotex, a ideia de trabalhar com o material na UEM teve como objetivo, descrevê-lo. A produção do couro orgânico é um dos mais importantes projetos de biodesign do BioCuture, criado por Suzanee Lee, em Londres, em 2011. Lee investiga microrganismos que originam biomateriais; isto é, desenvolvidos a partir de organismos vivos. Para isto, utiliza a kombucha, como mostra o vídeo do laboratório inglês.

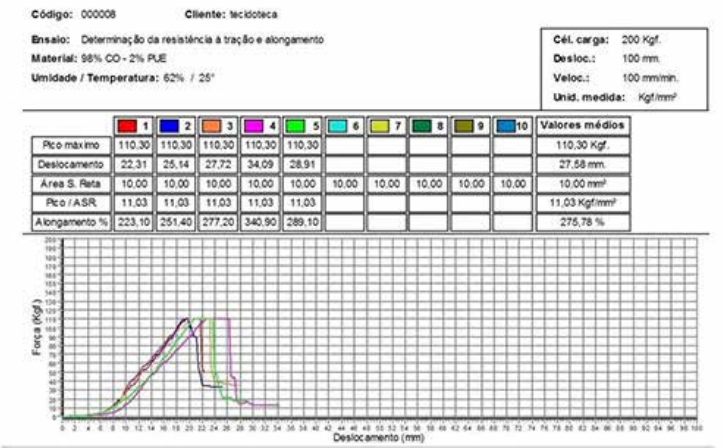
Após este processo, o material têxtil criado pode ser utilizado para a confecção de roupas, sapatos e acessórios, como por exemplo, a jaqueta mostrada na figura abaixo, produzida com couro de kombucha e estampada com frutas. Super fashion, né?

Figura 2 – Jaqueta estampada produzida por Suzanee Lee utilizando couro de kombucha

Fonte: Dezeen, 2014

"Conseguimos produzir o couro de kombucha. A primeira amostra que ganhamos foi doada pelo Komvida – Bebidas probióticas, artesanais e orgânicas, da cidade de Cianorte. A partir dela, aumentamos o

volume, reproduzindo o material no laboratório da Tecidoteca. Realizamos testes de resistência à costura, umidade, sol, calor, lavagem doméstica em máquina de lavar, com produtos de limpeza e aceitação da matéria-prima em peles sensíveis e não sensíveis. Mas, no final, por causa da pandemia, acabamos por colocar a viabilidade de manuseio na moda produzindo uma carteira. Todo o processo e nossas impressões foram inseridos no banco de dados da Tecidoteca. Agora, estamos programando encontrar uma alternativa impermeabilizante para esse couro sintético, para que ele seja resistente à água. Caso a gente descubra, o couro de kombucha tem grande potencial para substituir o couro animal na confecção de peças de vestuário", prevê o professor Fabrício de Souza Fortunato, que participou das pesquisas junto com Ronaldo Vasques.



Código: 000008 **Cliente:** tecidoteca

Ensaio: Determinação da resistência à tração e alongamento

Material: 98% CO - 2% PUE

Umidade / Temperatura: 62% / 25°

Cél. carga:	200 Kgf.
Desloc.:	100 mm.
Veloc.:	100 mm/min.
Unid. medida:	Kgf/mm²

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Valores médios
Pico máximo	110,30	110,30	110,30	110,30	110,30						110,30 Kgf.
Deslocamento	22,31	25,14	27,72	34,09	28,91						27,58 mm.
Área S. Reta	10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	10,00	10,00 mm²
Pico / ASR	11,03	11,03	11,03	11,03	11,03						11,03 Kgf/mm²
Alongamento %	223,10	251,40	277,20	340,90	289,10						275,78 %

O outro trabalho do Gemotex citado acima focou a descoberta de novos materiais fibrosos. O processo envolveu as graduandas de Moda, que passaram também pela experiência com o kombucha, Camila Pereira e Giulia Mendonça Tenório de Alburquerque, além dos professores Vasques e Fortunato. O grupo escolheu pesquisar a urtiga.

"Pensamos na urtiga porque ela é considerada de cunho sustentável em artigos e livros que consultamos. É uma planta que ocorre em

diversos tipos de solo e não precisa de qualquer substância química para o seu crescimento. Na verdade, é uma planta desperdiçada pela indústria por ser considerada uma praga nas plantações. Além disso, a fibra já foi produzida por índios Kaingang e Xokleng, aqui, no sul do país, especialmente no Paraná e em Santa Catarina. Inclusive, existem exemplares no acervo do Museu Paranaense, que fica em Curitiba", informou Fabrício Fortunato.

Índia Xokleng tece manta com fibras de urtiga brava. 1950. Fonte : Acervo Museu Paranaense

Porém, a fibra examinada foi da espécie dioica exatamente como a citada nos artigos lidos pelo grupo. Mas ela não ocorre no Paraná e nem em outras regiões do Brasil. É uma planta nativa da Europa, Ásia, norte da África e América do Norte. Por causa disso, os pesquisadores também testaram outra espécie, essa bem farta no país: o popularmente conhecido urtigão (Urera baccifera L.).

Foram feitos testes de resistência à tração e alongamento, de queima, de gramatura (grossura) e encolhimento e testes de morfologia nos dois tipos e ainda foi inserida uma amostra em uma peça de vestu-

ário ecologicamente amigável.

"Vimos que a urtiga não nativa do nosso país tem características mais adequadas à produção de moda, como apontavam os trabalhos de outros pesquisadores. Mas é inviável para a aplicação por aqui por não estar disponível na nossa região. Já a espécie que ocorre no Brasil tem característica mais rústicas, o que traz alguns desafios de manuseio. Precisamos de mais testes para que possamos apontar sua viabilidade na produção de moda. Estamos começando trabalhos que misturam a urtiga com fibras de algodão, produto também farto na região em que atuamos", explica Vasques.

A produção e a descrição de materiais sustentáveis ainda não é uma prática comum nas pesquisas referentes à moda e à indústria têxtil. Por isso, o trabalho do Gemotex é importante, porque prova que há quase infinitas possibilidades de desenvolvimento de materiais a serem desenvolvidos. E mais: registra tudo na Tecidoteca da UEM.

"É isso que o grupo busca agregar ao cenário atual de trabalhos referentes a fibras naturais, biotecidos e sustentabilidade na moda, de forma que possa incentivar outras pessoas e organizações, visto a urgência de adotarmos novas matérias-primas, menos poluentes ao meio ambiente", concluiu o professor Fortunato. O planeta agradece.

RELAÇÃO SIMBIÓTICA: relação na qual dois ou mais organismos diferentes são beneficiados por uma interação, por uma associação.

O conteúdo desta página foi produzido por
Texto: Ana Paula Machado Velho e Thamiris Saito
Degravação da entrevista: Thamiris Saito
Edição de áudio: Ana Paula Machado Velho
Roteiro de vídeo: Ana Paula Machado Velho e Thamiris Saito
Edição de vídeo: Thamiris Saito
Arte: Murilo Mokwa
Supervisão de Arte: Thiago Franklin Lucena
Edição Digital: Gutembergue Junior

Ciência e transversalidade: a grande e sinuosa estrada do conhecimento

Cientista e uma das organizadoras do Paraná Faz Ciência, versão da Semana Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, fala sobre os desafios da produção científica para um mundo com mais igualdade e sustentabilidade

Texto: *Débora de Mello Gonçales Sant'Ana*

A imagem se inspira no tema da 18ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, de 2021, que foi "Transversalidade da ciência para o planeta". Nela podemos ver uma rede formada por pontos e linhas abraçando o planeta, criando uma malha interconectada e sugerindo que todas as áreas atuem em conjunto.

Estamos no mês de outubro de 2021, comemorando o Mês Nacional da Ciência, Tecnologia e Inovações. Esse artigo é uma homenagem a esse bem da humanidade. A palavra vem do latim scientia, que significa conhecimento. Mas, não se trata de um conhecimento qualquer, ela busca compreender fatos e verdades, leis naturais da vida, para saber e explicar como o universo funciona. E a ciência está presente a cada passo da evolução do ser humano, em diferentes áreas, por isso, dizemos que ela é transversal.

O vídeo já ajudou a definir o termo transversal, mas, não se preocupe se ainda ficou algo por compreender. Vamos falar sobre isso aqui. Afinal, o tema da Semana Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação de 2021 é esse: Transversalidade da ciência para o planeta.

Pois é, eu não conhecia esse caminho largo e cheio de curvas da ciência quando era bem pequena, mas já sentia uma atração enorme para assuntos dessa natureza. Durante minha adolescência, enquanto estudava inúmeros temas na escola, desenvolvi o gosto pelas ciências naturais, especialmente, química e biologia. A partir disso, a ideia de investigar, conhecer mais, testar hipóteses se transformou em vontade de ser cientista. Vocação? Na verdade, não. Afinal, nunca tinha visto um cientista e nem sabia bem o que ele fazia. Mas, com a ajuda de

meus professores, este sonho foi se desenhando e eu caí na tal estrada grande e sinuosa da ciência.

Experimentei pesquisa histórica documental e arqueológica, ainda no ensino médio. Nas primeiras semanas de vida universitária na Universidade Estadual de Maringá, que fica no Paraná, me envolvi com a ciência e tive a certeza que estava no caminho certo.

Hoje, sou cientista, já experiente no caminho árduo da ciência. Um pouco desiludida dos sonhos adolescentes, mas realizada por entender a importância da contribuição cotidiana que fazemos nos estudos chamados básicos, que realizamos nos laboratórios, e na extensão e formação de pessoas, o que nos convida a dialogar sobre ciência e tecnologia todos os dias.

As diversas experiências da professora e cientista (Arquivo Pessoal)

As diversas experiências da professora e cientista (Arquivo Pessoal)

OS PERCALÇOS DA VIAGEM DO CONHECIMENTO

Enfim, 30 anos depois do início da minha viagem pelo conhecimento, vejo que a paisagem que cerca essa estrada nem sempre é bonita e ensolarada. A principal pergunta que me mobiliza é: qual o meu real papel como cientista, nos nossos dias? Como devo ver a ciência neste tempo e no meu espaço: uma universidade pública, no interior do Paraná, no Brasil, em 2021? Para onde devo destinar minhas ações e meu pensamento científico treinado? Não preciso pensar duas vezes (a beleza da maturidade) para estruturar uma resposta: minhas forças devem ir para que a ciência contribua para a sociedade, aqui e agora. Já parou para pensar nisso?

Para que serve a ciência afinal? Ela é um dos principais aspectos da cultura humana e, juntamente com a tecnologia, transformou a relação do homem com o ambiente e nos trouxe a uma realidade inimaginável há algumas décadas. Pense nos celulares, computadores, medicamentos, veículos, vestimentas e alimentos. São frutos da ciência e da tecnologia e existem graças a anos de estudo de muitos cientistas de diferentes áreas de conhecimento.

Fica fácil perceber que os avanços científicos nos proporcionaram viver mais e melhor. A oferta de medicamentos, avanços na medicina e conhecimento das doenças nos proporciona longevidade. Por outro lado, a produção e comercialização de alimentos processados nos leva à obesidade. Assim, começamos a nos questionar: seria a ciência apenas fonte de soluções positivas para a vida humana? Os avanços mencionados contribuíram também para o desenvolvimento da humanidade e sustentabilidade?

Certamente, a ciência foi decisiva para um enorme avanço em todas as direções, porém, é preciso ampliarmos esta visão e nos questionar. Os benefícios são para todos? Os avanços contribuem para reduzir as desigualdades ou para aumentá-las? Nossa ciência tem levado em conta a vida de e em nosso planeta? Ampliando o olhar para o impacto desta nossa nova forma de viver sobre a Terra, quais os efeitos deste desenvolvimento?

O planeta precisa da ajuda da ciência (Cristiano Trad/Árvore Filmes)

TEMPO DE REFLEXÃO

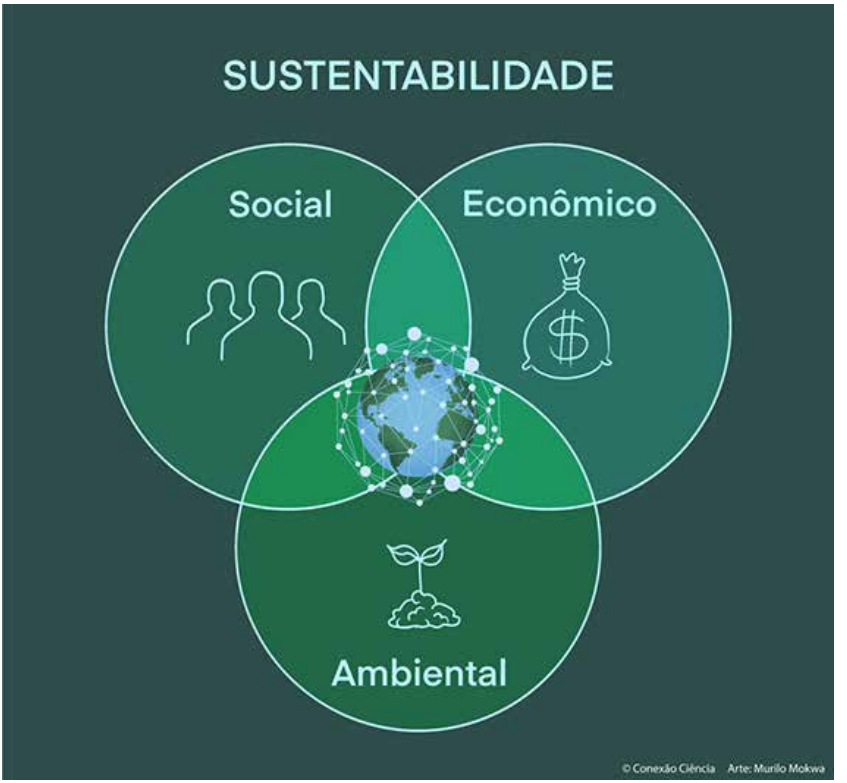
Vamos, então, aproveitar esse espaço do C², que comemora o Mês da Ciência e Tecnologia, para refletir sobre esse tema? Porém, mais importante do que falar sobre a relevância dele é necessário que a gente pense no que fazer para direcionar e integrar as ações científicas, de todas as áreas, em benefício da humanidade e do planeta, efetivamente. Este é o Tema da 18a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, como disse acima: Transversalidade da ciência para o planeta.

Em uma pesquisa no Google, repositório de informações que todos acessam, encontrei que transversal "é o que cruza espaços delimitados, o que atravessa e articula as estruturas sociais e do conhecimento humano. É o que é comum a todos".

Falarmos em transversalidade da ciência, então, significa integrar as diferentes informações científicas em busca soluções positivas para nossas questões ambientais, sociais etc. Mas não só isso, envolve ir além dos limites da universidade e ingressar nos setores governamentais, produtivos e toda a sociedade para que os resultados da ciência e da tecnologia sejam distribuídos de forma transversal, ou seja, contribuam para reduzir as desigualdades sociais. O que quero dizer com isso? A ciência precisa ajudar a desconcentrar riqueza e renda, estimulando a paz e a prosperidade para todos e de forma sustentável para o planeta. Imagina quantas áreas do conhecimento precisam interagir para dar conta de pensar todos os aspectos dessa grande empreitada!

O conhecimento científico, especialmente aquele produzido com financiamento público constitui um bem intelectual que a gente não pode pegar, ver, mas precisa "sentir", perceber os seus efeitos, na melhora do bem-estar das pessoas, no aumentos dos índices de desenvolvimento, sempre dentro dos princípios de sustentabilidade da sociedade como um todo, por meio de produtos intelectuais abertos, públicos e gratuitos, um bem comum.

Hoje, o acesso ao conhecimento é altamente desigual. Por isso, a Estratégia Nacional de Ciência e Tecnologia 2016-2022 (ENCTI), destaca o papel fundamental da transversalidade. O documento ressalta a necessidade de fortalecimento do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e



Inovação (SNCTI), e defende um modo transversal de articulação para que possamos atingir os objetivos de acessibilidade ao conhecimento e desenvolvermos um planejamento voltado para o planeta.

Além disso, precisamos pensar em investimento. Segundo a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o ENCTI foi enviado ao Congresso Nacional, solicitando os recursos do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação para dar conta desta iniciativa. E lembra que o MCTI teve uma queda de 34% de recursos, em 2021, em relação a 2020, valor que equivale a menos de um terço do orçamento do setor uma década atrás. O corte nos investimentos compromete nosso avanço científico e o fortalecimento da transversalidade.

Infelizmente, seguimos em rotas opostas, por exemplo, dos países

integrantes da União Europeia. Em 2000, por meio da "Estratégia de Lisboa" foram propostas estratégias para transformar o bloco econômico em "uma economia baseada no conhecimento, de forma competitiva, dinâmica, sustentável e com coesão social". Dentre as propostas estavam ampliar o percentual do Produto Interno Bruto (PIB), investido em C&TI na região.

A publicação da Policy Paper by the Research, Innovation, and Science Policy Experts (Rise) enfatiza que a pesquisa e a inovação podem se tornar estratégicas para o desenvolvimento da sociedade, contribuindo: com o aumento do estoque de conhecimento útil; na preparação de pessoas para o desenvolvimento de conhecimento; com a criação de novas metodologias e instrumentos científicos; e na indução de projetos estratégicos e formação de redes voltadas a desafios sociais e econômicos.

O investimento em Ciência e Tecnologia, enfim, leva a um retorno social, mas, também, econômico. Estima-se que o valor gerado pela pesquisa desenvolvida com financiamento público é de 3 a 8 vezes o investimento inicial. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é uma entidade internacional com sede em Paris, composta por 35 países membros. Segundo um estudo feito por ela, por mais de 20 anos, o aumento do recurso público investido em C&TI na ordem de 0,06% do PIB resulta num aumento em 7% de ganhos empresariais e de 4% em patentes.

Portanto, pensar no Mês da Ciência, Tecnologia e Inovação como período de divulgar a produção científica e a tecnologia como estratégias para a sustentabilidade social e ambiental para o planeta, é pensar em ações que venham oferecer impacto social e econômico para a sociedade. E mais: essas ações devem envolver a população de forma transversal e nos levar a refletir sobre qual o futuro que esperamos e o que faremos para ele se tornar realidade.

Uma vez, Paulo Freire disse: "a Educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda". Trazendo o tema para o cenário da C&TI, podemos dizer: "a Ciência e a Tecnologia sozinhas não nos levarão para a sustentabilidade, todavia, sem elas, não seremos sustentáveis".

Um VIVA à ciência e a todos os cientistas, de todas as áreas de conhecimento, que nos ajudam a pensar os diferentes aspectos das nossas pesquisas, nos guiando nesta grande jornada da vida neste planeta, que é a nossa casa.

Glossário

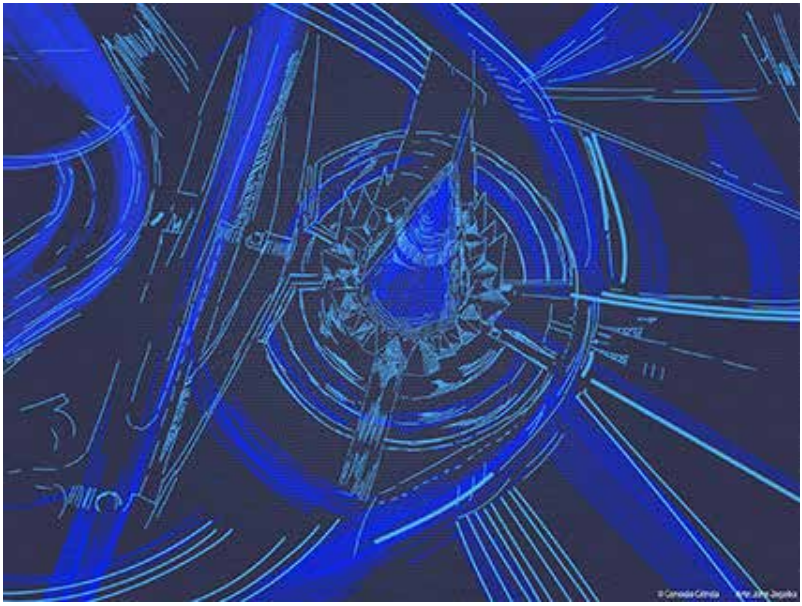
Extensão – A extensão universitária é uma espécie de ponte permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade. Funciona como uma via de duas mãos, em que a Universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade, e recebe dela respostas positivas sobre suas reais necessidades, seus anseios, aspirações, enfim, aprende com o saber dessas comunidades.

O conteúdo desta página foi produzido por
Texto: Débora de Mello Gonçales Sant'Ana
Edição de texto: Ana Paula Machado Velho
Edição de áudio: Isadora Hamamoto
Roteiro de vídeo: Ana Paula Machado Velho
Edição de vídeo: Thamiris Saito
Supervisão: Ana Paula Machado Velho
Arte: Murilo Mokwa
Supervisão de Arte: Thiago Franklin Lucena
Edição Digital: Gutembergue Junior

Criando histórias nas cidades visíveis

A ciência no apoio a entidades e cidadãos para a organização de espaços urbanos sustentáveis

Texto: *Ana Paula Machado Velho*



Ícone da cidade de Maringá, a imagem da catedral vista de cima se funde aos elementos da cidade que apresentam o espaço urbano como uma rede articulada de encontros de caminhos. As linhas da imagem remetem aos primeiros esboços de um urbanista quando planeja uma cidade.

O que é uma cidade? Fiquei me fazendo essa pergunta por alguns dias, quando me comprometi a escrever sobre planejamento urbano aqui para o C². Pensei em diferentes lugares e me deixei envolver pelo sentimento que cada um deles me trazia. Sou a maior viajante do mundo, não. Mas já tive oportunidade de conhecer vários países, de diferentes culturas e perceber que, cada um desses locais que visitei, tinha uma identidade, uma marca, construída a partir das experiências do povo que neles habita.

A configuração de cada recanto conta histórias de tristeza, alegria, interesses econômicos e políticos, e muito mais. Os pedacinhos das cidades são representantes materiais da história humana, isto é, as cidades contam histórias da humanidade. Conhecê-las é conhecer a gente mesmo. Cidades refletem o presente, o passado e o futuro do homem, afinal, elas foram arquitetadas e edificadas por cérebros e braços humanos.

Bali (Arquivo Pessoal)

Peru (Arquivo Pessoal)

Sydney (Arquivo Pessoal)

Índia (Arquivo Pessoal)

Chile (Arquivo Pessoal)

Maceió (Arquivo Pessoal)

Indonésia (Arquivo Pessoal)

A questão é que as cidades de Calvino são invisíveis materialmente. Diferente das nossas, que aparecem nas fotos acima. Será que todas essas aí são boas para se viver? Pergunto isso porque minha missão é mostrar que tem muito de ciência e conhecimento envolvidos nos espaços urbanos, que não se copõem só de emoções e, hoje em dia, precisam ser pensados para abrigar pessoas de todos os tipos e com diferentes necessidades.

O crescimento destes espaços e da população nos faz perceber que é preciso dar qualidade de vida às pessoas que habitam o território urbano. Cada grupo precisa ser "abraçado" e ter suas necessidades atendidas. Coisas da contemporaneidade? Sim, por que não? Afinal, a ciência existe para ajudar a humanidade a enfrentar seus problemas, certo?

Na verdade, essas reflexões nascem na Academia (definição no fim do texto). "Eu acho, que, hoje em dia, a ciência tem que atravessar o muro, sair da sala de aula e ir para o seu objeto maior que, no caso da arquitetura, por exemplo, é a cidade como um todo", diz a professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Beatriz Fleury e Silva. Ela coordena o Núcleo BrCidades Maringá, formado por equipes de diversas áreas, além da dela: Geografia, Ciências Sociais, História e Economia.

Por que tantas disciplinas? Porque o objetivo desta organização é dar qualidade à participação dos agentes sociais nas políticas públicas, estimular o debate entre a população e seus governantes. O Núcleo se or-

ganiza para “monitorar as políticas, programas e projetos municipais, de forma a mobilizar toda a sociedade com vista a ampliar o alcance do direito urbano e construir novas estratégias de ação para nossas cidades”.

Professora Beatriz Fleury Silva (Arquivo Pessoal)

Para a professora Beatriz, o papel da ciência é, de alguma maneira, transformar a realidade. Agir no processo de construção de um pensamento, de reflexão. Lembra, que, antigamente, falava que os professores tinham que falar com a população para explicar as coisas para as pessoas, mas, depois, foi percebendo que é preciso dialogar com elas, não é explicar, mas ouvir, ver como é que o pensamento delas é construído, e encontrar juntos uma saída para os problemas.

“O BrCidades segue este entendimento. Eu acho que está mais do que na hora de se ter uma ‘ciência em ação’, a gente está precisando que a Academia faça sentido para a sociedade. E é por isso que eu me interessei em participar do BrCidades, porque eu estava incomodadíssima de ficar somente dentro da sala de aula, só falando como deveria ser. Reparava que os alunos me olhavam e falavam ‘será que faz sentido tudo isso que ela está falando?’. Eu percebia isso e dizia que a gente precisava agir, unir conhecimento e participação na sociedade”, relembra a professora.

O NÚCLEO E SUA HISTÓRIA

O BrCidades surgiu em 2017 e começou rapidamente a crescer a partir daí. Hoje, conta com vários núcleos pelo Brasil. São 17 em vários estados. O start oficial foi no primeiro Fórum da entidade, que teve como objetivo construir a rede de mobilização social. Em seguida, houve um momento de expansão e de amadurecimento sobre o que deveria ser

o BrCidades, isso aconteceu por quase 2 anos. Ouça mais detalhes sobre essa história e seus responsáveis no áudio da professora Beatriz, abaixo.

A história do BrCidades

Em 2019, um segundo Fórum reuniu todas as pessoas da fase inicial e outros pensadores e isso amadureceu a rede de mobilização. Foi redigida uma agenda nacional e, a partir dela, uma lista de propostas a curto e médio prazos. Não podemos esquecer que a agenda urbana é um conjunto de ações relacionadas à política das cidades. Ou seja, são criadas metas para incidir nas diferentes políticas de direito das cidades. São destacados os diferentes segmentos da sociedade que estão negligenciados. Incide aí não só a questão de renda, mas a negritude, a mulher, a população LGBTQIA+, os imigrantes. Entre as bandeiras da agenda do Br, estavam temas como moradia para todos, saneamento básico para todos, mobilidade urbana para todos. A partir dessas diretrizes nacionais, os Núcleos construíram suas agendas locais.

COMO A UEM ENTROU NISSO TUDO?

Há uma disciplina na graduação de Arquitetura e Urbanismo da UEM em que os alunos estudam o Estatuto da Cidade. Para oportunizar aos estudantes desta matéria maior experimentação do conteúdo e, também, incidir na sociedade com ações voltadas à qualificar as cidades, a professora Beatriz, no final de 2018 e início de 2019, conversou com vários colegas e, em poucos meses, o grupo decidiu tentar trazer o Br.Cidades para Maringá. Ela foi para o II Fórum, representando Maringá, para ver o que podia ser feito.

Formou-se um grupo multidisciplinar, com professores, alunos e profissionais de diversas áreas. Inicialmente, havia movimentos sociais também, um da área de moradia e um da área de mobilidade urbana, mas devido a questões pessoais de trabalho, os representantes tiveram que deixar a equipe. Atualmente, o foco do BrCidades é a juventude.

"É importante dizer que o Br deslanchou quando nós o transformamos em projeto de extensão da Universidade. Isso atraiu mais pessoas e colaborou para entendermos mais o nosso papel. Assim, passamos, o tempo todo, a estimular a participação popular na política urbana. Como podemos fazer para a população entender que ela tem direitos, que ela tem que ocupar os espaços para fazer valer aquilo que é lei", explica a docente do DAU.

Segundo Beatriz, o grupo começou a fazer ações, efetivamente, em 2019. Logo em seguida, a pandemia levou as atividades para o virtual. Além disso, o Br.Cidades venceu um edital do Fórum Nacional pela Reforma Urbana, que visava fomentar a discussão sobre a inclusão na cidade, a participação na cidade e, pela primeira vez, teve uma verba para executar suas ações. Desta forma, ficou definido que o foco seria a juventude. Assim, foi criado um conjunto de ações, incluindo a elaboração de uma cartilha que qualquer município pode aplicar, com um olhar mais sensível para a política de grupos mais vulneráveis. E mais: surgiu uma série de rodas de conversa, focando na juventude.

A professora Beatriz destaca que o BrCidades acredita que os jovens mais vulneráveis da cidade são interlocutores importantes. É preciso criar um espaço de escuta, ou seja, ouvi-los, entender o que têm a dizer, como veem a cidade, e ajudá-los a entender que têm direitos. O Br vem incentivando, por exemplo, que a juventude participe de audiências públicas que estão acontecendo para a revisão do Plano Diretor.

O Plano Diretor é uma ferramenta para garantir que cidade cresça de maneira equilibrada, oferecendo qualidade de vida para todos. Ele define as prioridades do município e como será usado o seu território.

A elaboração deste plano está prevista na Lei 10.257/01, conhecida como Estatuto da Cidade. Todos os municípios com mais de 20 mil habitantes devem elaborar um Plano Diretor, o que engloba boa parte das cidades brasileiras.

Os planos têm que prever o uso do solo para as mais diferentes funções como moradia e espaços de convivência pública, onde estão os equipamentos urbanos e comunitários; pensar em preservação e outros temas de interesse social, como mobilidade e saneamento básico.

Este é um momento em que os jovens podem ter voz e é importante

para que sejam ouvidos pela gestão pública. Assim, presentes nessas audiências, esses cidadãos podem ver se a proposta que está sendo construída para cidade futura os contempla, caso contrário, podem intervir de diferentes formas. Afinal, é muito comum que o poder público faça uma leitura não muito aprofundada da cidade, principalmente, em meio à pandemia, quando a maior parte das reuniões do grupo de trabalho tem sido virtual.

Este processo de organização dos jovens vem sendo feito por meio de outra atividade que é parte do edital, as Rodas de Conversa com a juventude. O Br organizou no mês de agosto bate-papos com públicos diferentes: as mulheres, os negros, a população LGBTQIA+, os imigrantes, a juventude indígena. Nesses encontros, havia sempre representantes da Universidade, professores, técnicos, alunos e ex-alunos.

"Foi bom, porque aprendemos muito. É um mergulho na realidade dos públicos que conversamos, eles colocam como veem a cidade, que não é a mesma para todos. A cidade que eu vivo, que eu experimento, não é a mesma que o negro, o indígena ou o imigrante. Este último, por exemplo, quando chega aqui nem tem documento para poder buscar algum direito", lembra a professora.

DIFERENTES VISÕES

Uma maneira de ilustrar essa fala da coordenadora do BR é a experiência de um camarada que adora sair de bicicleta por Maringá, uma cidade de tamanho médio, do Paraná. Vamos combinar que a prefeitura deu condições para quem usa a bicicleta como meio transporte ou curte se exercitar ou passear usando uma "magrela".

Segundo a Secretaria de Mobilidade Urbana (Semob), há 40 quilômetros de ciclovias por toda a cidade. Isso é resultado das ações do Plano de Mobilidade Urbana (PlanMob), criado em 2019. A coordenadora do Plano e gerente de projetos da Semob, Elise Savi, disse, em matéria publicada pela assessoria de comunicação da prefeitura, que a execução das obras de mobilidade na cidade são resultado de consultas à população. "A participação da sociedade é importante para a construção de um planejamento que responda aos anseios da comunidade", reforça.

As ciclovias de Maringá (PMM/Mileny Melo)

Daí, pedi para aquele meu amigo… o Roberto, mostrar se o Plano vem dando resultado junto aos ciclistas. E gente, Roberto tem o nome mais sugestivo para participar desta matéria… Cidade. Sim, é o Roberto Cidade! Ele e Claudio Marcelo Toncovitch, que aliás, foi nosso cinegrafista e narrador, percorreram um circuito de 12,5 km e mostraram a visão dos amantes do pedal sobre parte das ciclovias de Maringá. São críticas e elogios. Confira as impressões dos integrantes do grupo Bodes do Pedal!

As diferentes visões da cidade e seus habitantes, como essa dos ciclistas amadores Roberto e Claudio, são foco de muitas discussões do BrCidades e das aulas na UEM. Segundo Beatriz Fleury, cada uma destas opiniões vai ajudando a cavar o espaço para que se possa criar uma política específica, que olhe para todos os grupos que fazem parte das cidades. São importantes para um planejamento a médio e longo prazos, e que é preciso é falar disso.

"É assim que a gente vai chegando lá, ou seja, olhando para essas pessoas, institucionalizando e criando organizações. Quando a gente faz uma roda de conversa, os alunos da arquitetura acabam parando para

refletir. Eles se sensibilizam ao ver que tem um grupo que não é assistido pela arquitetura. Foi feita uma pesquisa pelo Conselho Nacional de Arquitetura que mostra que 80% da população brasileira não acessa o profissional arquiteto urbanista. Então, fica a problemática: a gente se forma para 20%? É um momento de abrir os olhos e sensibilizar aquele aluno que irá se tornar, como nós do Br, uma das 'formiguinhas' que atuam e procuram transformar esse cenário tão desigual que vemos, hoje, no direito à cidade", explica a professora.

DE OLHO NA QUALIDADE DE VIDA

Uma destas formiguinhas está atuando em outro mestrado da UEM. A arquiteta Ana Maria Giachini é aluna do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia – Mestrado Profissional. Nas pesquisas que desenvolve, vem revendo os conceitos de cidades e moradias. Segundo ela, a agroecologia é uma ciência que surge da observação da natureza, que vem da floresta e dos saberes populares e se aplica a pensar as cidades.

Ana Maria detalha que, nos espaços urbanos, essa ciência pode dar suporte a ações de urbanismo a partir do conceito de arborização agroecológica. Nesse caso, as são mudas produzidas localmente e plantadas de forma a criar verdadeiras agroflorestas urbanas, mas que estejam de acordo com as características de cada região.

A arquiteta também lembra que há estudos da área que ajudam a pensar o uso sustentável dos recursos da cidade, como energia e água, e a implantação de hortas urbanas. Com essa descentralizando da produção de alimentos há o encurtamento das distâncias de uma ponta a outra da cadeia agrícola, e demanda menos espaços de monocultura. Isso ainda economiza em transporte, o que por sua vez, diminui a necessidade de rodovias, que geram grande impacto à paisagem, à natureza, à biodiversidade e também. Olha como uma medida local tem impacto ampliado para um número maior de pessoas e de sistemas?

A bioconstrução, outro tema da agroecologia, aposta em matérias-primas orgânicas e renováveis como terra, madeira e pedra, reduzindo o impacto da produção em larga escala de cimento, brita e ferro e, também, o deslocamento destes materiais, que, muitas vezes, cruzam

Ana Maria e propostas para rever a cidade (Arquivo Pessoal)

grandes distâncias para chegar até um local de obra. Em outras palavras, enquanto as construções convencionais deixam ruínas, a alternativa agroecológica é orgânica e se desfaz na natureza de onde veio.

E como pensar a cidade é, também, pensar a dinâmica das casas, a agroecologia pode ajudar a dar mais sustentabilidade aos nossos lares. Sugere o uso de composteiras nas varandas, reduzindo e reaproveitando o lixo urbano, que é um grande problema para as cidades. O produto das composteiras pode ser aplicado em jardins de casas e condomínios, na adubação verde e sem o uso de químicos das plantas domésticas. São muitas as maneiras!

"Com a pandemia, nossa relação com a casa e com a cidade mudou para sempre. Nos voltamos mais para o nosso lar e refletimos de que maneira nosso contato com a natureza é importante para nós. Nunca vimos antes tantas pessoas procurando por passeios ao ar livre. Por isso, precisamos pensar a cidade, porque é nela que estamos inseridos e precisamos viver. A agroecologia pode ser o caminho para criar residências e locais de convivência pública mais conectados com a

nossa essência, mais vivos", desafia a mestranda.

Nossas ações conjuntas e individuais são fundamentais para mudamos os rumos do espaço urbano. Seja pelas lutas do BrCidades, nas propostas de planejamento das prefeituras, no engajamento por uma nova relação com a natureza, é preciso falar e agir para criar um mundo em que a gente possa contar uma história de sucesso por meio de cada cantinho das nossas cidades, como fez Calvino.

Andei pensando: quem sabe em que lugares o escritor se inspirou para escrever o diálogo entre o imperador Kublai Khan e Marco Polo? Pode ser que tenha se lembrado de experiências concretas de lugares que ele tenha visitado. Quem pode garantir que as cidades do livro não eram tão invisíveis assim, pelo menos para Calvino, no momento em que escreveu aquela história? A nossa única certeza é que podemos e devemos escrever a nossa e deixar marcado em cada canto do lugar que a gente mora!

GLOSSÁRIO

ACADEMIA

Faculdade; universidade ou local em que há ensino universitário ou superior.

O conteúdo desta página foi produzido por
Texto: Ana Paula Machado Velho
Degravação: Isadora Hamamoto e Thamiris Saito
Edição de áudio: Isadora Hamamoto
Roteiro de vídeo: Ana Paula Machado Velho, Roberto Cidade e Claudio Marcelo Toncovitch
Edição de vídeo: Thamiris Saito
Supervisão: Ana Paula Machado Velho
Arte: John Zegobia
Supervisão de Arte: Thiago Franklin Lucena
Edição Digital: Gutembergue Junior

Um emoji vale mais do que mil palavras

Pesquisa mapeia o uso do emojis no campo da saúde

Texto: *Rafael Donadio*

Destacando a matéria que mostra que certos emojis são mais usados por uma cultura ou momento, a imagem representa a potência desses recursos de comunicação ao apresentar o emoji com máscara que passou a ser muito utilizado no período da pandemia de covid-19.

A aposentada Isabel Rodrigues é ministra da Igreja Maria Goreti e tem no seu smartphone diversos grupos de conversa no aplicativo WhatsApp. É pelo aplicativo que ela, junto com outras pessoas do grupo, combina o revezamento das atividades da igreja, trocam informações sobre pessoas com necessidade e marcam encontros e cafés. Certo dia, Isabel estava com dúvidas sobre a nova funcionalidade do aplicativo que aumenta a velocidade do áudio e mostrou, rapidamente, as conversas com suas amigas e conhecidos.

De um relance, lembro de ter ficado surpreso com uma grande quantidade de figurinhas (stickers), imagens brilhantes de bom dia e dezenas de emojis no WhatsApp da Isabel. Quando questionei sobre a presença desses elementos ela disse que era muito comum enviar e receber emojis e na sua opinião, "deixava a conversa mais leve". Quanto aos emojis, vi uma infinidade de risadas, expressões faciais como tristeza, sorrindo e de mãos tocadas como em um gesto de oração.

Assim como Isabel, milhões de pessoas ao redor do mundo trocam, diariamente, mensagens e usam essas imagens nos computadores e telefones. Por estarem tão presentes nas conversas do dia a dia acabamos não pensando muito sobre o uso de todos esses ícones. Em tempos de pandemia, esse hábito aumentou, porque todos foram obrigados a cumprir as recomendações de distanciamento social, passando, assim, mais tempo utilizando tecnologias de comunicação, como as redes sociais, aplicativos e chats.

E o que parece ser uma mera ferramenta para traduzir estados emocionais por meio de imagens, agora tornou-se objeto de pesquisa na Universidade Estadual de Maringá (UEM, no Paraná, como é o caso do pesquisador e professor Tiago Lucena, do curso de Comunicação e Multimeios. Ele une jovens curiosos para estudar esses recursos em um grupo de pesquisa da Instituição.

Em uma recente investigação de iniciação científica, a estudante da UEM, Alice Loureiro, identificou como os emojis são aplicados no campo da saúde, revisando artigos em diversas bases de dados, espaço que organiza as publicações científicas, caracterizando cada um delas. Na ocasião, 158 artigos foram analisados de um total de mais de 700 esco-

lhidos nas consultas nas bases de dados. “Para os artigos, usamos uma metodologia de pesquisa chamada Revisão de Escopo (scoping review, em inglês), seguindo as orientações do PRISMA – um documento com diversas orientações sobre como fazer e publicar pesquisas dessa natureza”, esclarece Tiago.

O que é uma pequisa de revisão de escopo e de revisão sistemática?

Eles conseguiram identificar um aumento no interesse pelos emojis nos últimos anos. Em 2008, nas mesmas bases de dados selecionadas, foram produzidos apenas dois artigos falando sobre o assunto. Já em 2020, o número saltou para 54, além de uma infinidade de outros trabalhos em anais de congresso, eventos e seminários, que não foram analisados por Alice e Tiago.

A jovem pesquisadora contou com a ajuda de dois estudantes do Ensino Médio, do Colégio de Aplicação da UEM (CAP), Vanderlei Silva e Julia Calvo, que possui uma bolsa de iniciação científica para o Ensino Médio, e outros participantes do grupo. Alice destaca que o uso dos emojis varia de acordo com sexo, idade e nacionalidade. Um exemplo de variação de significados em diferentes nacionalidades e culturas é o emoji de mãos tocadas, que, quando usado pelo grupo de Isabel, representa a oração, mas quando usado no Japão, volta a sua definição original da cultura japonesa, de cumprimento entre duas pessoas.

Criados em 1997, por uma empresa no Japão, esses recursos gráficos logo ganharam o mundo e representam elementos comuns nas conversas mediadas por computador e smartphones. Eles foram uma “evolução” daqueles “emoticons” que são expressões faciais realizadas usando pontuações. Assim, dois pontos + parênteses passaram a significar um rosto feliz :). Alice lembra que em conversas por meio do smartphone ou computador não conseguimos acessar tão facilmente os gestos, as expressões faciais e a entonação de voz. Esses são elementos de paralinguagem que ajudam a compreender como está o

interlocutor e são importantes nas conversas. Por mais lúdicos que pareçam ser, eles representam elementos comunicacionais muito poderosos e são utilizados em diversos contextos de pesquisas.

Conforme a pesquisa mostrou, os emojis também se transformaram em objeto de investigação de diversos campos do saber e cientistas ao redor do mundo têm se atentado para o fenômeno com uma curiosidade mais sistematizada do que aquela que tive quando vi a mensagem do WhatsApp da Isabel. Há artigos que descrevem que, pelo emojis, podemos identificar pessoas em estados depressivos, outros sugerem que emojis de bandeiras e outros símbolos nacionais podem ser indicativos da inclinação política do usuário (se de esquerda ou direita), e tantos outros que identificam e analisam aplicações no campo da educação, psicologia, neurociência e até direito. Como saber se alguém foi irônico ou ameaçou alguém com base nos emojis usados?

Também foram identificadas pesquisas que relatam a aplicação de emojis em embalagens de produtos alimentícios e estratégias de comunicação e marketing para diversos produtos. A depender do emoji utilizado, é possível incentivar que profissionais da saúde lavem mais as mãos em banheiros de hospitais, como mostrou uma pesquisa. Emojis também têm maior eficiência na comunicação entre médicos e pacientes, principalmente, se esses forem crianças (que podem es-

colher entre emojis para expressar como se sentem – por exemplo em situações de dor) ou em pessoas que não dominam bem o idioma do local onde estão sendo atendidas (não-letradas ou refugiados, por exemplo). Assim, diversos artigos destacaram a importância do uso desse recurso de comunicação no campo da saúde.

Dessa forma, registramos aqui o que falamos cotidianamente, mas sem muita convicção. Uma imagem pode valer por mais de mil palavras.

O conteúdo desta página foi produzido por
Texto: Rafael Donadio
Supervisão: Ana Paula Machado Velho
Edição de áudio: Rafael Donadio
Edição de vídeo: Thamiris Saito
Arte: John Zegobia
Supervisão de Arte: Thiago Franklin Lucena
Edição Digital: Gutembergue Junior

Em busca do emoji perdido

Pesquisa escava o passado da comunicação por imagens

Texto: *Rafael Donadio e Tiago Franklin Lucena*

Remetendo a longa tradição de se comunicar com uma escrita pictográfica, a imagem foi inspirada nos hieróglifos egípcios e dois personagens conversam por meio de emojis em balões que também remetem ao ambiente de aplicativos de mensagem.

Imagine-se no ano de 5021 e algum cientista conseguindo fazer um smartphone do nosso tempo funcionar. Ele curiosamente vai acessar os aplicativos de mensagens e, com a tecnologia que tem à mão, vai conseguir recuperar todas as conversas que foram trocadas ali. Ele se depara, então, com imagens coloridas que são colocadas no meio e nos finais das frases.

Por vezes, a resposta da pessoa é apenas uma "bolinha amarela com gotas azuis saindo do que parece ser olhos". "Estou desconfiado que isso seja um rosto humano e ele pode estar chorando, mas parece que está feliz também. É um choro de riso?", questiona o cientista curioso. Em outra conversa, ele vê o que parece ser a representação de um carro do nosso tempo: "olha só, ainda tinha rodas!" Por fim, vê um rosto com uma máscara. "Acho que se refere àquele recurso que os indivíduos tiveram que usar em uma das primeiras grandes pandemias de Covid que enfrentamos". Esses recursos imagéticos, que são chamados de emojis, e que, atualmente, usamos muito, são próprios do nosso tempo e é difícil especular até quando vamos usá-los.

Mas o que são fenômenos aparentemente recentes nas redes sociais, como Facebook, Instagram e Twitter, e nos aplicativos de mensagens, como WhatsApp, guarda, na verdade, semelhanças com as mais antigas formas de se comunicar. Em um artigo do grupo de pesquisa em Comunicação e Multimeios, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Paraná, eles explicam que a comunicação por emojis é conhecida como pictográfica, ou seja, por imagens.

"Se rastrearmos antecedentes desse tipo de recurso, chegamos em manifestações como os hieróglifos egípcios", explica o professor Tiago Lucena. A mesma especulação que o cientista do futuro fez sobre os significados dos emojis de hoje, nós fizemos com os hieróglifos – que são até mais fáceis de decifrar do que outras inscrições. Na verdade, o artigo remonta para um período até anterior, ao citar a pesquisa da paleoantropóloga canadense Genevieve von Petzinger, que identificou, há mais de 25 mil anos, inscrições em cavernas na Europa (pontos, linhas paralelas, triângulos e outras formas geomé-

tricas), que podem significar símbolos para comunicação. São inscrições gráficas que se repetem em diversas regiões e, inclusive, em objetos (adereços).

John Zegobia – explica a arte da capa da matéria

Saber exatamente o que significam é uma tarefa um tanto quanto difícil para nós que estamos dezenas de milhares de anos após, mas essas antigas inscrições são alvos de muitas teorizações e fomentam o campo da pesquisa e curiosidade, podendo representar o início de uma comunicação por imagens. Na cidade do Ingá, na Paraíba, uma parede de pedra com inscrições que ainda não foram decifradas abre especulações, inclusive, de que tenham sido feitas por outras civilizações e, até, por extraterrestres. Uma tal Maria dessa cidade (Ingá) teria inspirado a canção de Joubert de Carvalho, que deu nome a cidade de Maringá, no Paraná. “A pedra do ingá é, para nós, o que o smartphone será para o cientista no ano de 5021”, alerta o professor Lucena.

Estudar a história dos emojis é, então, estudar as formas que a linguagem adquiriu com o passar do tempo. É compreender o vínculo entre a forma que falamos com a cultura, com a economia e com a política. A própria linguagem escrita que temos hoje foi uma “evolução” da escrita pictográfica. As primeiras formas de escrita que temos notícia, se assim podemos dizer, estavam instaladas em paredes de cavernas – chamada de arte parietal. Quem quisesse acessar as informações contidas nelas, precisaria se arrastar por fendas, com ajuda de uma tocha, que consumia o ar da própria caverna, para ver e ler as imagens.

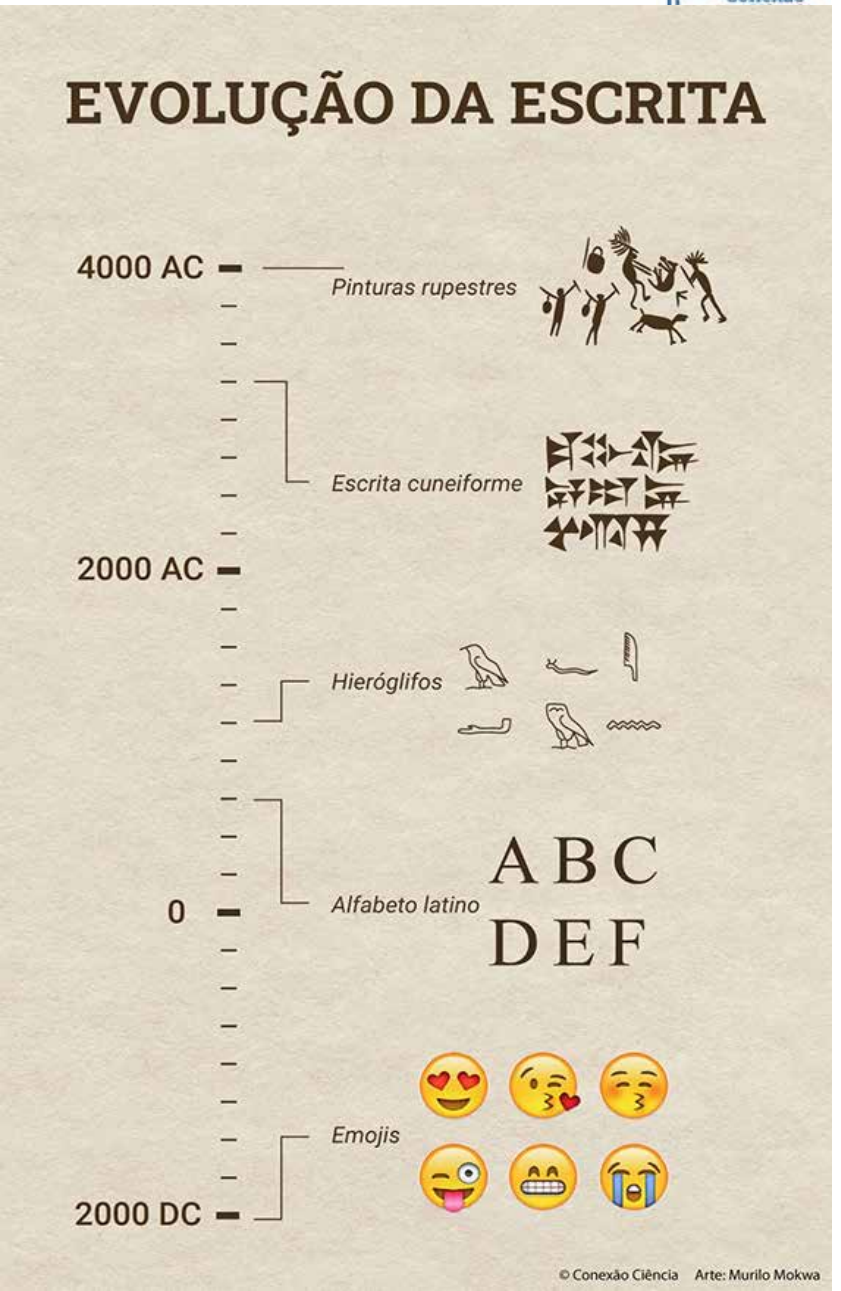
De tão complicadas, alguns teóricos afirmam que essas imagens estavam ligadas a alguma forma de ritual, ou representam estados alterados de consciência de quem as produziu. Muito provavelmente, os primeiros escritores/artistas estavam em estado de

transe, porque o ar era rarefeito e, privada de estímulos sensoriais, a mente começa a “ver coisas”. Das paredes das cavernas, as imagens passaram para outros suportes – que podiam ser transportados. Então, a evolução da escrita também se liga ao suporte que se utiliza para transmitir informações.

Com o passar do tempo, pequenos blocos de argila serviram para guardar informação e eram mais facilmente transportados, podendo, a informação, circular de mãs em mão. Esses blocos são as primeiras mídias móveis (smartphones ancestrais). O surgimento da escrita cuneiforme está ligada, então, ao contexto da época, de uma sociedade mais complexa e organizada e que mantém relações com outros grupos e culturas. Os fenícios, grandes mercadores, precisaram padronizar a escrita e propuseram a escrita fonética, ou seja, escrita que representa sons. Com isso, podia-se dizer qualquer coisa, inclusive sobre coisas que não existem.

Alguns teóricos identificam que certo tipo de pensamento mais abstrato e lógico só pôde surgir com esse tipo de marcação. A esse código, com símbolos que representam os sons, dá-se o nome de alfabeto fonético e aprendemos sobre eles na primeira fase da nossa vida, em um processo de educação chamado de “alfabetização”. O alfabeto que temos em português, hoje, é uma variação dessa versão que foi adaptada para o grego e depois para o latim. A decodificação e interpretação dessas pequenas unidades de sons, que se combinam formando sílabas e palavras, é um poderoso recurso de linguagem.

Para o linguista Daniel Everett, no livro “Linguagem: a história da maior invenção da humanidade”, não pensamos nesse recurso como algo que foi aprendido, uma tecnologia que nos ajudou a moldar e a interpretar o mundo. Para diversos outros pesquisadores, incluindo clássicos do campo da Comunicação, como Mcluhan, a forma de se comunicar pela escrita, em especial a alfabética, que é essa que estamos usando aqui, deu condições para que a sociedade se organizasse de uma forma mais burocrática,



Evolução da escrita: da arte parietal aos emojis

documental e linear.

Usamos documentos, assinamos contratos, governos lançam decretos, leis estão documentadas, religiões se valem de livros e escritos, ou seja, nossa sociedade está imbricada com a técnica da escrita. Linguistas como Sapir-Whorf indicam que a nossa forma de pensar e perceber o mundo está atrelada ao domínio da linguagem. Para dar uma ilustração clara do debate que se acendeu nesse campo de estudo, basta nos perguntamos se "percebemos" a cor amarela porque temos uma palavra "amarelo" para se referir a ela. Será que se não tivéssemos uma palavra para uma cor, teríamos a noção clara de sua existência? Foi essa e tantas outras perguntas que lançaram pesquisadores de diversas áreas do conhecimento a investigar a linguagem e seus códigos – incluindo a "língua" digital – "falada" pelos computadores.

Para outros, porém, como o linguista e filósofo Noam Chomsky, a linguagem é inata ao homem, visto que temos condições genéticas para se comunicar por meio desses recursos abstratos. Outros discordam e buscam identificar outras espécies de animais que possuem recursos similares. "É um bom debate na comunidade científica, que nos faz revisar aspectos sobre a aquisição da linguagem, e toca em áreas como cognição, educação, filosofia, comunicação, linguística e neurociência", destaca o professor Lucena.

A depender de como se classifica a linguagem, podemos pensar o que é comunicação e, com isso, compreender se outras espécies se comunicam, como se comunicam e o que podemos aprender com essas diferentes estratégias. "Isso interessa ao campo de estudos da comunicação. Aprender como o morcego se comunica e se move pode ajudar a criar tecnologias como a do sonar, por exemplo", esclarece o docente e pesquisador da UEM.

Por isso, é interessante o movimento de estudar os emojis e compreender como afetam as comunicações. No grupo de pesquisa em Comunicação e Multimeios há estudantes pesquisando os memes, os stickers, os emoticons e os emojis. A pesquisa de

iniciação científica da estudante Lara Arantes, do curso de Comunicação e Multimeios, busca analisar os memes sobre a vacinação de Covid-19, que podem ter funcionado como uma campanha não formal para que mais pessoas fossem se vacinar. Memes, emojis e figurinhas são recursos para uma comunicação dos afetos e das emoções e, por isso, não são ingênuos nos chats.

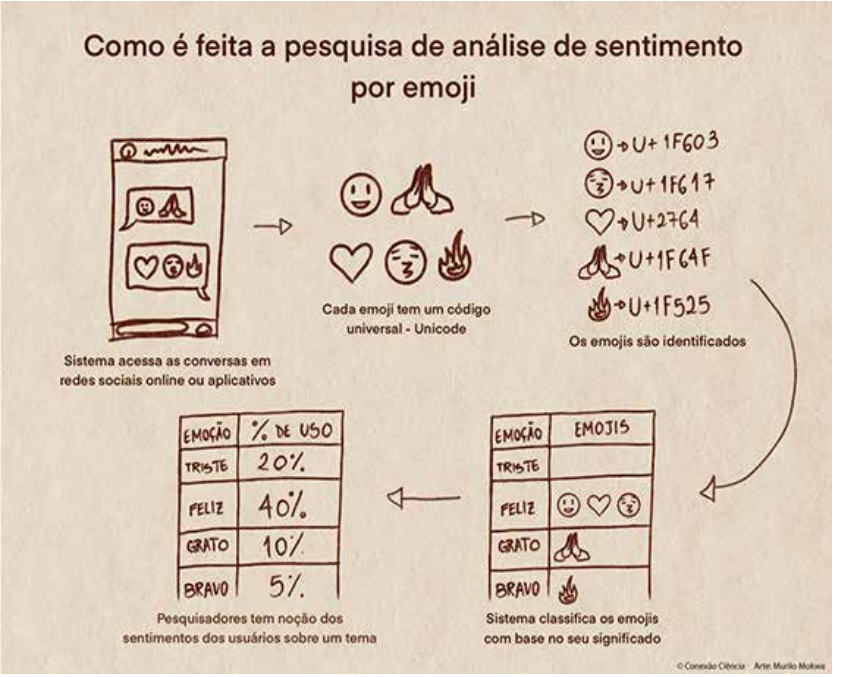
Quando combinamos palavras com emojis, criamos algo novo e interessante, um fenômeno de comunicação que merece mais atenção. Considerando que cada emoji tem um código único e é facilmente identificável entre as plataformas de computador (chamado de Unicode), pesquisadores têm se valido da enorme quantidade de dados produzidos pelos usuários para identificar padrões e reconhecer aspectos que eram desconhecidos do comportamento humano. "É como se pudéssemos fazer uma análise do sentimento de uma multidão de pessoas com base nos emojis que elas utilizam", reforça Lucena.

Muitas pesquisas analisam os emojis que estão associados a um tema: lançamento de um filme, eleições em algum país, algum evento televisivo ou reações diante de uma campanha de saúde, por exemplo. Com base nos emojis utilizados e associados a um desses temas, os pesquisadores conseguem mapear o sentimento associado da população frente a cada um deles.

Numa pesquisa do mesmo grupo da UEM, que teve ajuda de alunos de iniciação científica do Ensino Médio do Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP-UEM), cinco grupos de WhatsApp foram analisados durante um mês e, deles, foram selecionados apenas os emojis. Somente com base nestas imagens utilizadas com maior frequência, o grupo conseguiu inferir sobre o tipo de conteúdo que era trocado em cada um dos grupos (e-commerce, grupo de discussão de carros e grupo de discussão política).

Por fim, o que interessa destacar é que emojis são cápsulas de informações emocionais. Acreditamos que, por isso, o trabalho do cientista do futuro consiga identificar bem não só o que foi dito nas conversas, mas como estavam as pessoas que conver-

savam: tristes, felizes, apaixonadas ou com raiva. Com os emojis ele vai conseguir saber de aspectos mais subjetivos da comunicação escrita.

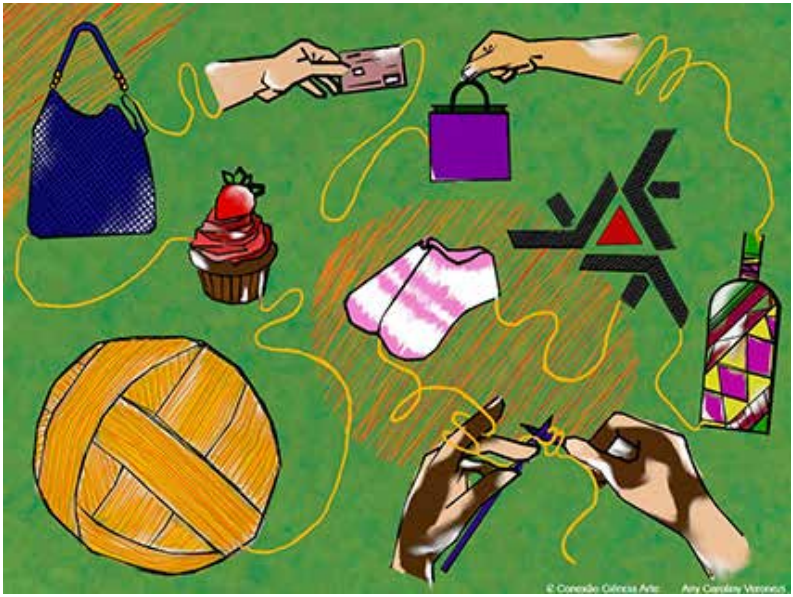


O conteúdo desta página foi produzido por
Texto: Rafael Donadio e Tiago Lucena
Degravação e edição de áudio: Isadora Hamamoto
Supervisão: Ana Paula Machado Velho
Arte: John Zegobia
Supervisão de Arte: Thiago Franklin Lucena
Edição Digital: Gutembergue Junior

Arte, artesanato e quitutes: a extensão na prática

Projeto mantém Feira de Economia Solidária que une conhecimento acadêmico e da comunidade

Texto: *Valéria Quaglio e Andressa Andrade*



A diversidade de Quitutes & Belezuras que compõe da Feira de Economia Solidária, com produtos artesanais e da culinária local é ricamente explorada na imagem que indica a produção de alimentos e objetos vendidos, no Câmpus Sede da UEM, por um grupo d autogestão de geração de trabalho e renda.

Sindi Mesquita tem 54 anos, é aposentada e, atualmente, faz bolsas de crochê para vender. Apesar de seu tempo na produção desse acessório não ser muito longo, a história dela com o crochê vem da infância. Quando tinha 9 anos de idade, encontrou em casa um novelo de linha e agulhas, e ficou muito interessada em aprender. Ela pediu, então, para sua irmã lhe ensinar e conseguiu dominar dois pontos que foram essenciais para que sua trajetória tivesse início.

Depois disso, Sindi ficou maravilhada com o mundo da crochetaria e não parou de praticar. A mãe, preocupada pelo fato da filha estar passando muito tempo fazendo crochê, escondeu o novelo e a agulha da menina. Na mesma noite, Sindi sonhou que os apetrechos estavam escondidos na gaveta embaixo de uma santinha que tinha em sua casa e, assim que acordou, foi direto olhar no lugar. Para sua surpresa, estavam escondidos dentro dessa gaveta o amado novelo e a agulha. Desde então, Sindi usa de sua habilidade para fazer tapetes e, agora, bolsas também.

Sindi e sua produção de bolsas de crochê (Milena Massako)

Sua trajetória com as bolsas se iniciou graças ao incentivo de sua filha. No áudio abaixo, ela conta como foi esse processo:

Sindi conta como começou a fazer as bolsas de crochê

Para que pessoas como a Sindi possam exibir seus trabalhos e ter renda, a Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisa sobre o Trabalho, da Universidade Estadual de Maringá (Unitrabalho/UEM), no Paraná, criou o projeto de extensão "Quitutes e Belezuras – a identidade cultural regional refletida na alimentação e no artesanato". A iniciativa tem como objetivo, em primeiro lugar, abordar o patrimônio imaterial da cidade de Maringá e região de influência, sob os aspectos da alimentação e do artesanato, buscando assegurar o conhecimento e a preservação destas formas de expressão cultural.

A coordenadora do Núcleo, Mara Lucy Castilho, do Departamento de Economia da Universidade (DCO/UEM), explica que uma das etapas do processo de incubação realizado por eles é a Feira de Economia Solidária, que acontece no câmpus sede e já está em sua sexta edição.

"Como uma das etapas do processo de incentivo ao surgimento de empreendimento, realizamos a Feira de Economia Solidária no câmpus da UEM, com o objetivo de dar vazão à produção de Empreendimentos Econômicos Solidários [EES], possibilitando geração de renda para a continuidade do processo de produção e inclusão social, além de oferecer a oportunidade para que a sociedade possa ter acesso a estes produtos, permitindo a aquisição de forma regular e contínua", contou a coordenadora.

A Feira também conta com trabalhos recicláveis, uma vez que alguns dos participantes produzem a partir de matéria-prima sustentável, dando vida a produtos que já haviam sido descartados anteriormente: retalhos, garrafas de vidro, roupas e sapatos usados, são exemplos dessa reutilização.

A Pró Reitora de Extensão e Cultura da Universidade, Débora de Mello Gonçales Sant'Ana, conta que a importância desse projeto vai muito além daquela já conhecida e praticada pelos projetos de extensão, já que, durante as seis edições já realizadas, a Feira vem possibilitando a geração de renda para a continuidade do processo de produção e inclusão social, além de oferecer acesso aos produtos para a população em geral e identificar novos grupos que partilham dos princípios da Economia Solidária.

"Além das bancas para venda de quitutes e artesanato, também é possível encontrar apresentações musicais e exposições artístico-culturais de fotografias e poesias que irão compor a Feira, objetivando, cada vez mais, a aproximação dos estudantes com a comunidade externa", lembrou a pró-reitora de Extensão e Cultura da UEM.

Nos últimos dois anos, devido à pandemia da Covid-19, a Feira teve que passar por algumas adaptações e aderiu ao formato virtual. Este ano, porém, com o avanço da vacinação e a volta às aulas presenciais no campus, a atividade retornou ao formato presencial, voltando a ter a presença de expositores, de suas produções e, mais importante, do público.

Patrícia Lessa é educadora e é uma das várias participantes da Feira. Desde o início, ela expõe os livros que são feitos em sua editora "Luas", um projeto de literatura feminista, idealizado com o objetivo de acompanhar todas as etapas da produção de um livro, desde a escrita, até a produção das ilustrações que irão compor a obra. Para ela, a Feira de Economia Solidária é, além de uma forma de renda, um modo de divulgar seu projeto e os livros, autores e ilustradores que participam dele.

"Na Universidade, as pessoas já sabem a importância que os livros têm, por isso, expor nessa Feira é tão importante, aqui as pessoas conhecem, entendem e sabem a capacidade que a leitura proporciona", contou a professora.

Assim como a Sindi e a Patrícia, muitas outras pessoas têm a oportunidade de apresentar e divulgar seus trabalhos para os estudantes e servidores que, ao estarem presentes no câmpus, passam pela Feira para conhecer, apreciar e comprar os produtos que estão sendo exibidos. Além disso, a volta ao presencial possibilita a aproximação do meio acadêmico com a comunidade externa, fazendo com que ambos adquiram novos conhecimentos e práticas que podem ser aderidas ao cotidiano de cada um. "Isso é extensão", destaca a pró-reitora Débora Sant' Ana.

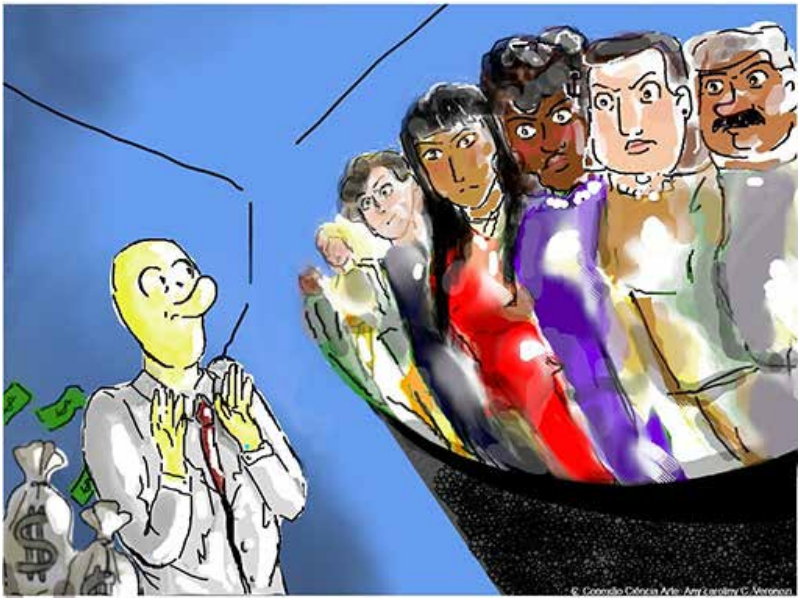
Para prestigiar o trabalho de cada um dos feirantes, basta visitar a iniciativa, que acontece todas às terças-feiras, no quiosque do bloco F-05 da UEM, em frente a livraria da EDUEM; isto é, da Editora da UEM.

O conteúdo desta página foi produzido por
Texto: Valéria Quaglio e Andressa Andrade
Edição de áudio: Valéria Quaglio
Edição de vídeo: Valéria Quaglio
Arte: Any Caroliny Veronezi
Supervisão de Arte: Tiago Franklin Lucena
Edição Digital: Gutembergue Junior

A corrupção além das eleições

Por que fiscalizar o poder público é tão importante?

Texto: *Isadora Hamamoto, Thamiris Saito, Valéria Quaglio e Beatriz Kruse*



A imagem sugere um grupo de eleitores observando de perto um político que se apresenta com a expressão de quem foi pego de surpresa em algum esquema de corrupção. A parte escurecida ao fundo indica o lado obscuro de quem se corrompe em detrimento da população.

Ao longo da nossa existência, nos deparamos com algumas verdades inabaláveis sobre a vida e o mundo que nos cerca. Essas verdades são capazes de consolidar um mesmo sentimento em toda sociedade. Uma delas, que é consenso geral, é que a corrupção é um mal do ser humano.

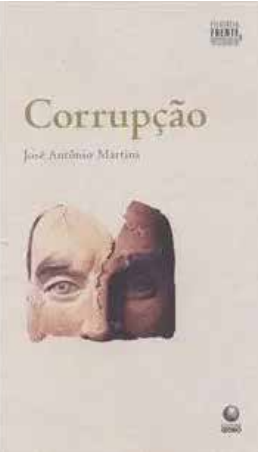
No mundo antigo, a corrupção foi associada à ideia de decomposição, degeneração e estava ligada ao rompimento do ser biológico. Para Aristóteles, era típica do mundo sublunar – mundo imperfeito, onde vivem os homens e, como seres terrenos, todos estavam sujeitos à corrupção.

Com o tempo, esse conceito biológico vai migrando para o físico e social, nas várias camadas da vida individual e coletiva, e a corrupção, por fim, se torna vinculada à estrutura política. Isso se deu de forma muito forte no povo greco-romano e foi se consolidando até a Idade Média, quando a corrupção ganhou o caráter de degradação e de perturbação da ordem e se tornou diretamente relacionada com a política.

Talvez por isso, em ano eleitoral, esse tema acaba surgindo entre os assuntos mais debatidos. E não podia ser diferente aqui, nas páginas do Conexão Ciência. Tem até convidado especial: o estudioso da área política José Antonio Martins, professor do Centro de Ciências Humanas, Artes e Letras, da Universidade Estadual de Maringá (CCH/UEM), no Paraná.

Autor do livro “Corrupção” (2008), Martins define que esse fenômeno se apresenta como uma apropriação privada de bens públicos, mas que não está associada somente ao roubo do dinheiro. Se configura, também, quando o médico de um posto de saúde público seleciona quais pessoas vai atender ou não; ou quando um agente público beneficia uma pessoa em detrimento de outra.

Outro aspecto que muito se destaca quando procuramos compreender a palavra corrupção é o fato de a associarmos a apenas um indivíduo. Martins nos chama a atenção para o fato de que a corrupção se configura por ações de grupos de indivíduos, tratando-se de uma lógica de comportamento coletivo. Assim, para acabar com a corrupção, é preciso desestruturar esse processo de ação pública e coletiva, uma vez que, detectando apenas um dos indivíduos, ela não terá fim.



José Antonio Martins, autor do livro "Corrupção" (Arquivo pessoal)

Além disso, é comum pensarmos que, em períodos de eleições, a corrupção na esfera política aumenta, mas, de acordo com Martins, é o contrário. "Em períodos de eleição, a população se volta para o campo político, as pessoas começam a prestar mais atenção e denunciam mais. Todas as denúncias de corrupção que vêm no período eleitoral, não foram cometidas no período eleitoral. Foram cometidas antes, quando a maioria da população está cuidando de suas coisas e não presta tanta atenção à vida política", alerta o professor da UEM.

É importante que estejamos a par dos acontecimentos nessa esfera da vida, mas é, também, de extrema importância que tenhamos conhecimento a respeito da participação política por parte da população. Quanto mais ela fica atenta ao campo político e fiscaliza o poder público, evita casos de corrupção.

Pensando nisso, a UEM conta com um programa de Educação Fiscal, que tem como principal objetivo conscientizar a população sobre corrupção e o uso correto dos impostos na sociedade. Um dos integrantes desse projeto é o comunicólogo da Rádio UEM, Marcelo Henrique Galdioli.

Marcelo está no projeto desde o início. Para ele, a experiência

é enriquecedora e de muito aprendizado, porque os assuntos são tratados por meio de palestras e entrevistas, que contribuem para que as pessoas possam entender melhor sobre diversas questões. O grupo discute, especialmente, a conscientização e o combate às ações corruptas, destacando, inclusive, a importância do pagamento correto dos impostos.

Marcelo Henrique Galdioli, participante do programa de Educação Fiscal da UEM (Arquivo pessoal)

"É uma experiência marcante, inovadora e, acima de tudo, transformadora, já que, a partir do momento que você se envolve com a educação fiscal, você sai dessa condição de indivíduo e se torna cidadão", comenta Galdioli. O ato de se "tornar cidadão" começa,

portanto, no momento em que a pessoa toma consciência do papel dela na sociedade, que contém regras de convivência de vida em grupo e de interesse coletivo, atuando na fiscalização do poder público e da aplicação do dinheiro dos impostos

Um dos recursos utilizados pelo programa para fazer essa conscientização, é o teatro. A peça "O Auto da Barca do Fisco", encenada pela Trupe Arte, Ética e Cidadania, da Universidade, tem como principal finalidade representar, de forma lúdica, as ações de Educação Fiscal, facilitando seu entendimento.

Na peça, as pessoas são julgadas por um anjo de acordo com a conduta que tiveram em relação ao pagamento de impostos na Terra. Dependendo do veredicto, elas são conduzidas para a barca do céu ou do inferno. Confira a peça online:

Para Marcelo, as iniciativas desse projeto contribuem para a melhoria da sociedade a partir do momento em que a despertam para a participação no âmbito político, isto é, com o pensamento voltado à coletividade. Ele dá mais dicas sobre a importância da Educação Fiscal para a população no áudio a seguir:

Marcelo Henrique Galdioli conta um pouco sobre a importância do programa de Educação Fiscal da UEM para o combate à corrupção

Dessa forma, o envolvimento das pessoas na política não deve ser feito apenas por uma questão de gosto, mas pela necessidade em fiscalizar e acompanhar as ações do poder público.

Quem nos ajuda a entender melhor esse envolvimento direto dos cidadãos na política é o professor José Antonio Martins:

"A pessoa não está na política somente porque gosta, mas tem que fazer por interesse, já que isso diz respeito às nossas vidas. Então, decisões como privatização ou não privatização, os preços dos combustíveis, o investimento do dinheiro proveniente dos impostos e muitas outras decisões devem ser observadas pela população, porque elas nos tocam de algum modo e fazem parte do nosso cotidiano", finaliza Martins.

O conteúdo desta página foi produzido por
Texto: Isadora Hamamoto, Thamiris Saito, Valéria Quaglio e Beatriz Kruse
Degravação da entrevista: Isadora Hamamoto, Thamiris Saito e Valéria Quaglio
Edição de áudio: Valéria Quaglio
Supervisão: Ana Paula Machado Velho
Arte: Any Caroliny Veronezi
Supervisão de Arte: Tiago Franklin Lucena
Edição Digital: Gutembergue Junior

Equipe UEM

Conheça nossa equipe multimídia do Conexão Ciência – C²!

Equipe UEM

Débora de Mello Sant'Ana
COORDENADORA GERAL
Minha Conexão com a Ciência é como com os meus óculos, me ajudam a ver melhor o caminho a ser trilhado e também entender o mundo ao meu redor.

Ana Paula Machado Velho
COORDENADORA
Minha conexão com a Ciência é por meio da palavra, por meio dela me conecto com o conhecimento e com quem precisa se aproximar dele

Tiago Franklin Lucena
PROFESSOR ORIENTADOR
Minha conexão com a Ciência acontece com a inspiração de artistas-engenheiros como DaVinci, pelo Teatro da Anatomia de Versalius e pela curiosidade que é o combustível de diversos outros artistas e cientistas.

Bolsistas graduados em Comunicação

Gutembergue Barbosa Junior
BOLSISTA GRADUADO EM COMUNICAÇÃO
Minha Conexão com a Ciência é inovar a forma como cada pessoa pode entrar em contato com o universo da descoberta e da pesquisa.

Rafael Pinto Donadio
BOLSISTA GRADUADO EM COMUNICAÇÃO
Minha conexão com a Ciência acontece por meio da curiosidade, que me leva a novos conhecimentos e me auxilia a entender e me entender melhor dentro de diferentes contextos.

Bolsistas estudantes de graduação em Comunicação

Andressa Andrade
BOLSISTA ESTUDANTE
Minha conexão com a ciência visa o entendimento das pluralidades culturais e sociais, para que, assim, eu possa refletir sobre elas nos meios de comunicação.

Any Caroliny C. Veronezi
BOLSISTA ESTUDANTE
Minha conexão surge na junção de arte com a ciência, em que elas espalham entendimento para diversas pessoas, de culturas diferentes ou não; essas expressões podem ir de continente a continente levando consigo informação.

Beatriz Kruse
BOLSISTA ESTUDANTE
Minha conexão com a ciência parte de uma profunda sensibilidade com o mundo que me cerca; a curiosidade de buscar, analisar e compreender me proporciona uma visão única e redentora do meu redor

Ingrid Lívero
BOLSISTA ESTUDANTE
Minha conexão com a ciência é multidirecional, acontece pelas muitas formas de linguagem que me auxiliam a me expressar e a entender o que é expressado, seja uma palavra, uma imagem, uma nota musical ou um grande entrecruzamento de todas essas formas de dizer e ser no mundo.

Karoline Yasmin
BOLSISTA ESTUDANTE
Minha conexão com a Ciência é uma busca por conhecimento e poder compartilhar com as outras pessoas, da melhor forma possível, aquilo que eu aprender.

Maria Eduarda Oliveira
BOLSISTA ESTUDANTE
Minha conexão com a Ciência está na crença de que todo conhecimento produzido e adquirido por meio dela é uma possibilidade de transformar tudo e todos.

Milena Massako Ito
BOLSISTA ESTUDANTE
Minha conexão com a Ciência está na constante procura por explicações sobre os acontecimentos que ocorrem no mundo todo e afetam a vida de tantas pessoas.

Milena Plahtyn
BOLSISTA ESTUDANTE
Minha conexão com a ciência é por meio da cultura, entendendo que ambas são indissociáveis para a criação de modos de vida mais interessantes, inventivos e profícuos.

Murilo Mokwa
BOLSISTA ESTUDANTE
Minha conexão com a Ciência é a existência diária, respirando, buscando entender e se interessando pelo mundo à nossa volta. É a possibilidade de compreensão e, por meio da arte, a reinterpretação. A ciência é a peça chave do questionamento.

Thamiris Rayane Shimano Saito
BOLSISTA ESTUDANTE
Minha conexão com a Ciência é a busca por um conhecimento que possa contribuir para o desenvolvimento da sociedade de forma efetiva, criativa e prática.

Valéria Quaglio da Silva
BOLSISTA ESTUDANTE
Minha conexão com a Ciência está em compreender como o mundo funciona e como o conhecimento pode mudar a vida das pessoas.

APOIO

FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA

Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná

PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

SUPERINTENDÊNCIA GERAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

UEM Universidade Estadual de Maringá

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

DEX Diretoria de Extensão

DCU Diretoria de Cultura